

**UFRRJ**  
**DEPARTAMENTO DE HOTELARIA E SERVIÇO SOCIAL**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**“OH DIVINA TERRA DE SANTA CRUZ”: A CENTRALIDADE CULTURAL DA  
ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ PARA O BAIRRO DE SANTA CRUZ E A ZONA  
OESTE DO RIO DE JANEIRO**

**SILVIA OLIVEIRA DA SILVA**

**SEROPÉDICA-RJ**  
**2025**



**“OH DIVINA TERRA DE SANTA CRUZ”: A CENTRALIDADE CULTURAL DA  
ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ PARA O BAIRRO DE SANTA CRUZ E A ZONA  
OESTE DO RIO DE JANEIRO**

**SILVIA OLIVEIRA DA SILVA**

*Sob a Orientação do Professor*  
**Glauber Rabelo Matias**

*e Co-orientação da professora*  
**Suellen Ferreira Guarriento**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Serviço Social da  
Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro, como parte das exigências para  
obtenção do título de bacharel em Serviço  
Social.

Seropédica, RJ  
Junho de 2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586" SILVA, Sílvia Oliveira da , 2001-  
"Oh divina terra de Santa Cruz": a centralidade  
cultural da Acadêmicos de Santa Cruz para o bairro de  
Santa Cruz e a zona oeste do Rio de Janeiro. / Sílvia  
Oliveira da SILVA. - Seropédica/ RJ, 2025.  
71 f.: il.

Orientador: Glauber Rabelo MATIAS.  
Coorientadora: Suellen Ferreira GUARRIENTO.  
Trabalho de conclusão de curso(Graduação). --  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,  
Bacharelado em Serviço Social, 2025.

1. Cultura. 2. Santa Cruz. 3. Escola de Samba. 4.  
Carnaval. 5. Serviço Social. I. MATIAS, Glauber  
Rabelo, 1983-, orient. II. GUARRIENTO, Suellen  
Ferreira, 1985-, coorient. III Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro. Bacharelado em Serviço  
Social. IV. Título.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ATA Nº 2830/2025 - CoordCGCS (12.28.01.00.00.00.70)**

**Nº do Protocolo: 23083.034500/2025-34**

**Seropédica-RJ, 02 de julho de 2025.**

**ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

No primeiro vigésimo sétimo dia do mês de junho do ano de dois mil e vinte e cinco, às dez horas, através da plataforma *Google Meet*, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, foi instalada a Sessão Pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da discente Silvia Oliveira da Silva, Matrícula 20200056390 que apresentou o trabalho intitulado “Oh Divina Terra de Santa Cruz”: a Centralidade Cultural da Acadêmicos de Santa Cruz para o bairro de Santa Cruz e a Zona Oeste do Rio de Janeiro”.

A Banca Examinadora foi composta por Prof. Dr. Glauber Rabelo Matias (Orientador – presidente), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suellen Ferreira Guariento (Coorientadora), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabrícia Vellasquez Paiva (examinadora 1) e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Costa Murad (examinadora 2).

Abrindo a sessão, o presidente da comissão, após dar a conhecer aos presentes os procedimentos para a condução dos trabalhos, passou a palavra a discente, que fez a apresentação do seu Trabalho de Conclusão de Curso. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da/o candidata/o. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata/o e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Sendo a/o candidata/o considerada Aprovada.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, a/o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente Ata, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. Glauber Rabelo Matias (Orientador – presidente)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suellen Ferreira Guariento (Coorientadora)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabrícia Vellasquez Paiva (Examinadora 1)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Costa Murad (Examinadora 2)

Discente Silvia Oliveira da Silva

*(Assinado digitalmente em 03/07/2025 17:53)*  
FABRICIA VELLASQUEZ PAIVA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)  
Matrícula: ###941#3

*(Assinado digitalmente em 04/07/2025 11:24)*  
LARISSA COSTA MURAD  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DHSS (12.28.01.00.00.00.10)  
Matrícula: ###845#3

*(Assinado digitalmente em 02/07/2025 13:55)*  
GLAUBER RABELO MATIAS  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
CoordCGCS (12.28.01.00.00.00.70)  
Matrícula: ###264#5

*(Assinado digitalmente em 04/07/2025 11:05)*  
SUELLEN FERREIRA GUARIENTO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DHSS (12.28.01.00.00.00.10)  
Matrícula: ###503#8

*(Assinado digitalmente em 03/07/2025  
12:25)* SILVIA OLIVEIRA DA  
SILVA

*DISCENTE*

*Matrícula: 2020#####0*

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **2830**, ano: **2025**, tipo: **ATA**, data de emissão: **02/07/2025** e o código de verificação: **6673d91297**

RESUMO .....	8
INTRODUÇÃO .....	10
1. O COMEÇO DE TUDO: UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO CARNAVAL E DE SANTA CRUZ.....	18
1.1. “A brincadeira nas ruas que virou desfile”: o Carnaval no Rio de Janeiro.....	18
1.2. “O bairro onde o trem dorme”: Santa Cruz.....	23
1.3. “O Carnaval do Bairro Imperial”: Carnaval em Santa Cruz .....	28
2. “SANTA CRUZ VEM DESFILAR E LEVANTAR SUA BANDEIRA”: G.R.E.S. ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ EM PERSPECTIVA.....	33
2.1. “Vai quem quer!”: uma história da escola de Samba.....	33
2.2. “Santa Cruz vem desfilando”: uma breve cronologia dos sambas de enredo.....	35
2.3. “Santa Cruz é pra quem acredita!”: uma análise dos sambas de enredo.....	38
3. EXISTE CULTURA EM SANTA CRUZ?: REFLEXÕES SOBRE A CENTRALIDADE CULTURAL DA ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ A PARTIR DO CAMPO DE PESQUISA....	51
3.1. “Nossa escola é paixão”: descrição do campo a partir do diário de pesquisa.....	51
3.2. “Nos braços da Santa Cruz”: principais temas observados em campo.....	60
3.3. Apontamentos sobre a relação entre o Serviço Social e a escola de samba.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	70

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a mim por me aguentar surtando durante todo esse processo de TCC e durante a graduação.

À minha família, minha mãe Sonimar, meu pai Eduardo, minha avó, Elza, meu avô Lourival (*in memorian*), meu primo Maurício, minha prima Juliana, pelo apoio e por acreditarem em mim. Amo vocês.

Às minhas amigadas, Camilla, Ariane, Bruna, Rejane, Mikaelly, Julye, Anna Caroliny, Gabrielle, Tatiana e Yasmin, que acreditaram em mim e me apoiaram também. Amo vocês.

À minha cachorrinha, Emília, que sempre fazia uma festa quando eu chegava da Universidade cansada, apoio muito importante durante a minha formação.

Agradecer ao meu orientador, Glauber Rabelo, e minha coorientadora, Suellen Guarriento, pelas palavras, apoio e paciência durante esse tempo.

Agradecer a minha turma de Serviço Social da UFRRJ que estará para sempre em meu coração.

Às professoras do Serviço Social da UFRRJ pelo conhecimento compartilhado.

À minha supervisora de estágio, Bárbara, que me acolheu na SerCidadão e que me ensinou muitas coisas que vou levar comigo para sempre.

E por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a Andreia, Júnior e Amanda da Acadêmicos de Santa Cruz que estiveram disponíveis para as minhas perguntas e deram atenção a uma pessoa de fora querendo conhecer mais de perto o universo de uma escola de samba.

*Tá todo mundo aí? Levanta a mão  
Quem é filho desse chão  
Chegou a Mocidade fazendo a alegria do povo  
Meu coração vai disparar de novo (Mocidade  
Independente de Padre Miguel, 2011)*

## **RESUMO**

O presente trabalho pretende refletir sobre como a Acadêmicos de Santa Cruz, escola de samba da zona oeste do Rio de Janeiro no bairro de Santa Cruz, é importante culturalmente para a população do bairro e da zona oeste do Rio, como um espaço de transformação social e compartilhamento de vivências. Além disso, o trabalho busca fazer um resgate histórico do Carnaval do Rio e do bairro de Santa Cruz. A pesquisa também propõe relacionar o Serviço Social com a cultura que a escola reforça, considerando o espaço como um local que mantém viva a tradição carnavalesca fortalecendo as relações sociais presentes no bairro da extrema zona oeste do Rio que carece de espaços de cultura. Para a realização deste trabalho, foram utilizadas também uma pesquisa histórico-documental e uma pesquisa de campo que acompanhou a criação do desfile da agremiação no ano de 2025.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Cultura. Carnaval. Santa Cruz. Escola de Samba. Rio de Janeiro. Serviço Social.

## **ABSTRACT**

This paper aims to reflect on how Acadêmicos de Santa Cruz, a samba school in the western zone of Rio de Janeiro in the Santa Cruz neighborhood, is culturally important for the population of the neighborhood and the western zone of Rio, as a space for social transformation and sharing of experiences. In addition, the work seeks to make a historical recovery of Rio's Carnival and the Santa Cruz neighborhood. The research also proposes to relate Social Service to the culture that the school reinforces, considering the space as a place that keeps the carnival tradition alive, strengthening the social relations present in the neighborhood in the extreme western zone of Rio that lacks cultural spaces. To carry out this work, historical-documentary research and field research were also used, which accompanied the creation of the association's parade in 2025.

### **KEYWORDS:**

Culture. Carnival. Santa Cruz. Samba School. Rio de Janeiro. Social Work.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a apresentar a importância cultural da Acadêmicos de Santa Cruz no território do bairro de Santa Cruz e na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz, conta com uma história importante de luta e beleza carnavalesca. A escola que começou como um bloco de rua, se transformou e hoje ainda se mantém de pé com seus fiéis seguidores apaixonados por sua história. Desde a sua criação, a escola levou para a avenida vários enredos que refletem sobre diversos temas importantes para a sociedade em forma de desfiles, sobre a cultura indígena, a cultura africana, preconceitos e outros temas que afetavam e ainda afetam a população brasileira.

Santa Cruz, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, considerado bairro imperial no ano de 2022, é um dos bairros que mais tem história para contar. Segundo Nogueira (2019, p. 5), teve seus grandes momentos de importância desde os anos de 1500, onde alguns indígenas se fixaram e praticaram a sua agricultura. Após a invasão dos portugueses, os indígenas foram expulsos e os jesuítas se apropriaram do local, o transformando em uma grande fazenda que era mantida por mão de obra escrava, africana e indígena. Com a transmigração da família real portuguesa no Brasil em 1808, Santa Cruz se tornou um local de veraneio. O convento dos jesuítas passa a ser o Palácio Real da família, assim ao redor do palácio houve investimentos na infraestrutura, na economia e na cultura, sendo a pioneira em vários sentidos. Foi em Santa Cruz que a primeira linha telefônica da América do Sul foi implantada e a primeira agência dos Correios do Brasil, pois se localizava em um local estratégico para chegar a vários locais importantes da época (Nogueira, 2019, p. 9).

Criada em 1959, com sua sede no bairro de Santa Cruz, a Acadêmicos de Santa Cruz, amadrinhada pela Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Bangu, trouxe em seus desfiles as reflexões das questões raciais, políticas, entre outros. A escola bem no seu começo não era uma escola, era um bloco de rua chamado “Vai quem quer!”, que foi criado por alguns jovens que estavam insatisfeitos com o bloco “Garotos do Itá”, no dia 18 de fevereiro criaram o bloco “Os Acadêmicos de Santa Cruz” para participar dos desfiles que ocorriam naquela região da zona oeste entre Santa Cruz, Campo Grande, e outros bairros vizinhos (Souza, 1986, p. 6).

A escola de samba verde branco de Santa Cruz conta em seus desfiles sobre os mais diversos assuntos. Com isso seus enredos já contaram sobre a família real portuguesa, a preservação do meio ambiente, a força do povo indígena, literatura

infantil, as mais diversas personalidades famosas, preconceito, racismo, escravidão e outros temas, mas essa diversidade só reforça como a escola de samba tem a preocupação de demonstrar uma versão positivada da realidade brasileira, mas também de explicitar as suas indignações<sup>1</sup>.

O samba de enredo, vertente do samba que nasceu também na periferia do Rio de Janeiro, é indispensável no carnaval brasileiro, trazendo em suas letras, na maioria das vezes, uma crítica a algo que acontece ou aconteceu no Brasil e no mundo, em clima de festa os foliões escutam e refletem sobre racismo, xenofobia, e ainda são representados nas insatisfações políticas. Segundo o “Dossiê das matrizes do samba do Rio de Janeiro” (2006, p. 20), financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), criado para ser o “samba de sambar” como denomina o compositor Babaú, o samba de carnaval veio de um grupo de jovens negros da Estácio de Sá com isso foi criado um bloco com o nome “Deixa falar”, nome que era uma resposta às pessoas que torciam o nariz para essa raiz do samba. A novidade do bloco e do novo gênero musical percorreram por todo Rio de Janeiro nas periferias e comunidades, onde as pessoas negras, em sua maioria, começaram a se afeiçoar com o gênero. O Bloco “Deixa falar” foi considerado a primeira escola de samba criada, mesmo só se denominando como bloco, onde homenageavam os sambistas do bairro e influenciaram outras pessoas a compor e criar outros blocos para encantar nas ruas do Rio de Janeiro (IPHAN, 2006, p.20).

A criação do carnaval no Rio se dá principalmente pela cultura popular, com celebrações nas ruas e a festa colorida criada para a diversão, com o passar do tempo a festa na rua foi se expandindo, alcançando a todas as classes sociais. Com base no texto de Diniz (2008) o começo dessa festa foi com a classe mais baixa, com brincadeiras e um bloco que passava a pé cantarolando pelas ruas e batucando no ritmo na canção, com o passar do tempo as classes mais altas chegaram para fazer o desfile sobre seus carros de luxo, esse modo de desfilar influenciou a forma dos desfiles atuais, chegando aos carros alegóricos do carnaval brasileiro.

O carnaval de Santa Cruz é bastante comentado pelas pessoas mais velhas do bairro, pessoas de outros lugares chegavam para o carnaval de rua, os clubes eram quem puxava a festa. No começo dos anos de 1900 os primeiros clubes foram criados,

---

<sup>1</sup>Um exemplo é o samba enredo de 1995, *Deuses e costumes nas terras de Santa Cruz*, que canta sobre a escravidão, a religião afro, o orgulho de ser negro e enaltece a cultura africana que está presente no dia a dia do brasileiro. Disponível em: [Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 1995 - Acadêmicos de Santa Cruz](#) Acesso em: 11 abr. 2025.

como o Clube dos Progressistas, dos Furrecas e dos Democráticos, durante o carnaval os clubes desfilavam com carros alegóricos e música pelas ruas. Em documentos reunidos sobre o carnaval pelo Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH), Souza (1984) conta sobre os “30 anos de Carnaval”, em específico de um dos blocos mais relevantes de Santa Cruz que foi o “Bloco da Crítica”, criado em 1954, que tinham músicas irônicas sobre as mais diversas questões, mas em sua maioria tratavam de insatisfações do grupo. A ditadura militar (1964-1985) no país também afetou o Bloco da Crítica, uma vez que nesse momento o desfile foi censurado e várias placas foram riscadas pelos militares, mas ainda, sim, houve um desfile (Souza, 1984).

O bairro de Santa Cruz em comparação com outros bairros da cidade, como os bairros do centro do rio e da zona sul, onde se localizam os principais museus e espaços de cultura do Rio, não conta com tantos espaços culturais valorizados, é possível encontrar locais que são preservados e que contam a história do bairro, mas ainda, sim, existe uma baixa valorização da história e da arquitetura antiga, pois os espaços preservados são poucos e só foram preservados devido à luta dos moradores da região. Dito isso, a questão principal que forma este trabalho é: de que forma a acadêmicos de Santa Cruz se encontra como um espaço de cultura que transforma a vida da população do bairro de Santa Cruz? O local da Acadêmicos de Santa Cruz vai muito além de apenas lazer, visto que em seus desfiles transborda cultura, a própria escola colabora com trabalhos sociais e formas de auxiliar a população, mas, além disso, traz para a comunidade a cultura que os é negada.

O presente estudo busca refletir sobre como o Serviço Social se relaciona com a escola de samba, entendida como importante espaço de expressão cultural, que pode em seus enredos trazer as mais diversas expressões da questão social para a avenida, com enredos sobre a desigualdade social, o preconceito, o sistema capitalista, o posicionamento político, sendo algumas das formas que a escola pode se expressar. O Serviço Social atravessa todas essas e muitas mais durante sua formação e atuação, essa cultura do carnaval reflete a formação do território brasileiro e pode ser utilizada como uma forma de ligar a ação profissional com a garantia de direitos dos trabalhadores.

## **Justificativa**

A primeira motivação deste trabalho vem da vontade de escrever sobre um tema

próximo à realidade que me encontro hoje, sendo moradora do bairro de Santa Cruz acredito que apresentar para o espaço acadêmico o local onde moro é de muita importância. Mesmo com a denominação recebida recentemente de “bairro imperial” ainda falta valorização da história contada e da história que se reflete na arquitetura das casas antigas presentes no dia a dia da população. Além disso, trazer a Acadêmicos de Santa Cruz como tema principal se justifica pela admiração do carnaval e a paixão por música que tenho, tornando a criação desse trabalho uma forma de trazer valorização não só para a Acadêmicos de Santa Cruz, mas também para um bairro que se encontra como a “última estação” em que o trem para.

A escola de samba do bairro de Santa Cruz na zona oeste do Rio de Janeiro, se mantém de pé até hoje devido à perseverança das pessoas que estão sempre presentes na quadra de escola cantando seus sambas enredos e festejando seus carnavais. Ao escrever sobre uma escola de samba da extrema zona oeste do Rio de Janeiro é possível encontrar desafios. Por exemplo, a Acadêmicos de Santa Cruz é um espaço que representa um bairro da zona oeste que tem muita história, mas ainda existe a diferença de notoriedade em comparação a outras escolas do grupo especial como Portela, Viradouro ou Mangueira, mesmo a escola não sendo principiante nos desfiles, ainda, sim, se encontra com uma falta de visibilidade. Contudo, não significa que por ser uma escola menor deixará de ter motivação para continuar, muito pelo contrário, a escola permanece viva e fortalecendo os vínculos da comunidade ao redor, sendo um espaço de cultura, lazer, educação, e muito mais.

Ao escrever sobre uma escola de samba menor que luta para continuar com seus desfiles e cantos, se torna primordial trazer o pertencimento como uma das partes mais relevantes, desde a lembrança dos que se foram aos novos que chegaram na escola recentemente. A luta de um bairro está presente nas apresentações da escola com a determinação de uma comunidade em demonstrar seu samba e seus desfiles, seguindo com o que acreditam e continuar mesmo com as adversidades as quais os moradores da zona oeste do Rio enfrentam todos os dias.

A defesa de uma cultura que seja acessível a todos, estimular o pensamento crítico de uma população, refletir sobre o descontentamento dos cidadãos, lutar contra as opressões sofridas nesse sistema que nos encontramos hoje, tudo isso e muito mais são assuntos que estão presentes em uma escola de samba e estão presentes na luta do Assistente Social na defesa da classe trabalhadora. Não se pode descartar a importância de uma escola de samba na extrema zona oeste do Rio para trabalhar a inclusão das pessoas e compreender que a cultura está presente até quando é

considerada um lazer para os foliões quando estão em quadra. Os desfiles de uma escola de samba trazem expressões da questão social a todo momento. A Acadêmicos de Santa Cruz, por exemplo, conta na maioria de seus desfiles a força das religiões de matriz africana e da cultura negra africana, realidade presente na escola, visto que a maioria das pessoas que frequentam a agremiação são provavelmente representados por esses enredos. Dessa forma, este trabalho assume uma relevância cultural não apenas para a sociedade, mas também para a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Isso se deve ao fato de que muitos moradores de Santa Cruz se deslocam diariamente para a universidade, seja para trabalhar ou estudar, e agora terão parte da história de seu território incorporada aos estudos acadêmicos.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Debater sobre a relevância cultural da Acadêmicos de Santa Cruz para o bairro de Santa Cruz e para a zona oeste do Rio de Janeiro.

### **Objetivos específicos**

- a) Explicitar a formação do carnaval e como ele se encontra hoje contando do Carnaval de Santa Cruz e do Rio de Janeiro com as Escolas de Samba e as brincadeiras nas ruas.
- b) Demonstrar a história da Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz e como seus sambas enredos compartilham temas relevantes na avenida e com o Serviço Social.
- c) Relacionar a atuação do Serviço Social com os temas presentes nos sambas enredos da escola, entendidos como uma forma de enriquecimento cultural.

## **REVISÃO DA LITERATURA**

Na primeira parte desse trabalho é feito um resgate histórico da formação do Carnaval no Rio de Janeiro e em Santa Cruz, contando sobre os primeiros indícios de um carnaval no Rio e como as pessoas foram reinventando a festa com as brincadeiras nas ruas. Os textos de Diniz (2008), Albin (2009), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014) e de Simas & Mussa (2023) são utilizados para compor essa linha do tempo que mostra o carnaval e as transformações no Rio de Janeiro, lembrando também de figuras importantes e de grupos que representaram a

grandiosidade do Carnaval e suas músicas, com bastante influência africana e de vários lugares do Brasil. A parte do Carnaval de Santa Cruz é referenciada principalmente pelos pesquisadores do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH), que organizaram em exposições e documentos dos anos de Carnaval do bairro, carnaval esse que era referência na zona oeste do Rio de Janeiro, principalmente para os bairros vizinhos. O carnaval de Santa Cruz além de ser formado por várias brincadeiras nas ruas, tinha e ainda tem muita história para contar, como explicita Pereira (2008) e Souza (2008) em sua exposição e em outros documentos reunidos nesse trabalho.

Ainda na primeira parte se faz necessário contextualizar a formação do bairro e como se encontra hoje. A criação de Santa Cruz é contada principalmente com a forte influência da Família real portuguesa, mas é indispensável pontuar que as grandes casas, como, por exemplo, o palacete da Princesa Isabel e outros diversos avanços da época foram feitos principalmente por mão de obra escrava de pessoas negras africanas e dos indígenas que já moravam por aqui e foram catequizados. A autora Nogueira (2019) traz uma linha do tempo dessa criação do bairro e os autores Mansur & Rosa (2022) completam ainda mais essa história no livro “Santa Cruz nos caminhos da independência”.

Após o capítulo do carnaval, o segundo capítulo conta com a estrela do trabalho, Acadêmicos de Santa Cruz. Esta parte do trabalho terá como referência o próprio site da escola de samba e o livro de Simas & Mussa (2023), para contextualizar a relevância da Santa Cruz. Além disso, a acadêmicos traz em seus enredos uma possível conscientização dos mais diversos assuntos para a população que participa do carnaval da Santa Cruz na avenida, os sambas enredos em sua maioria trazem repulsa ao preconceito, a necessidade da preservação do meio ambiente, enaltecimento das mais diversas figuras brasileiras, dentre outros sambas que não se fazem menos importantes.

No terceiro capítulo será o momento do diário de campo, feito no período da criação do desfile de 2025, colocando em palavras e imagens o visualizado pela autora durante os dias que participou das atividades na escola de samba. Após isso será feita uma análise mais profunda das questões da escola de samba, utilizando autores como Belo (2009), que também faz uma análise sobre as escolas de samba, e Constâncio (2024) que pontua sobre a relação da velha guarda com as escolas de samba. Por fim, o capítulo se encerra com uma relação dessa forma de cultura a qual é a escola de samba e os sambas enredos com o Serviço Social e seus princípios fundamentais do

código de ética criados pelo Conselho Federal de Assistência Social (2012) em conjunto com o Código de Ética Comentado de Barroco e Terra (2012), visualizando a escola de samba não apenas como um local de lazer, mas também como um local de garantia de direitos.

## **QUESTÕES**

- a) Como os desfiles e sambas enredos podem ser um ponto de partida para um pensamento crítico dos moradores da região?
- b) Existe uma conexão da escola de samba com os assuntos discutidos no Serviço Social?
- c) Qual a força de uma escola de samba de Santa Cruz para a zona oeste do Rio de Janeiro?
- d) Por que os trabalhos dos moradores de Santa Cruz são importantes para a formação e manutenção (manter ela viva) da escola de samba?
- e) Qual a importância cultural da Acadêmicos de Santa Cruz para o bairro de Santa Cruz?

## **METODOLOGIA**

- a) Pesquisa e Revisão bibliográfica: cujo objetivo é compartilhar não só a história da escola de samba, mas também explicitar a história do bairro de Santa Cruz e o carnaval no Rio de Janeiro e em Santa Cruz.
- b) Pesquisa histórico-documental: foram utilizados também documentos obtidos em uma pesquisa presencial no Núcleo de Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH), pois muitas das informações sobre o bairro e o Carnaval de Santa Cruz não se encontram com facilidade na internet.
- c) Pesquisa de campo: feita na participação de eventos da escola de samba, ensaios de rua, escolha do samba enredo, na realização do desfile de 2025 até a apuração, com a criação de um diário de campo que tem a proposta de compartilhar as percepções da autora antes, durante e depois do desfile, além disso, tem a intenção de conseguir entender por completo a paixão dos participantes do carnaval da Acadêmicos de Santa Cruz.
- d) Realização de Entrevistas: realizadas com pessoas da escola de samba para compreender algumas questões relacionadas a escola de samba, como a

importância da escola de samba para a população e aqueles que participam ativamente na quadra.

## **ESTRUTURA DO TRABALHO**

O primeiro capítulo será trabalhado com base no carnaval e no bairro de Santa Cruz, trazendo primeiramente a história do Carnaval no Rio de Janeiro, desde o começo até o carnaval atual com as escolas de samba. Após a contextualização do Carnaval no Rio de Janeiro, se faz necessário contar a história do bairro de Santa Cruz que foi um bairro de muita importância na época de Brasil Colônia (1500 - 1822), sendo um espaço impulsionado pelos jesuítas e utilizado pela Família Imperial portuguesa. Em seguida, a história do carnaval de Santa Cruz, que teve seus grandes momentos nos anos de 1900, com blocos e clubes, que puxavam multidões nas ruas do bairro e eram referência para outros lugares da zona oeste.

O segundo capítulo compartilha um pedaço da história da escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz, que de bloco se tornou escola de samba, passando por vários grupos do carnaval, hoje passou a ser mais abraçada pela comunidade. Para a melhor compreensão da história da escola uma linha do tempo fará parte desse capítulo, trazendo os sambas separados em décadas, logo após será trabalhada uma análise de alguns sambas enredos escolhidos para trazer uma relação com os temas debatidos na formação e atuação do Assistente Social.

Por fim, no terceiro capítulo serão pontuadas acontecimentos que a escola passou durante a criação do diário de campo, do meio do ano de 2024 até a apuração dos desfiles de 2025, com isso ocorrerá a escrita de uma análise mais elaborada sobre as questões visualizadas pela autora durante a pesquisa de campo, e fechando o capítulo uma relação da escola de samba, os sambas de enredo e a formação e atuação do Serviço Social.

## **1. O COMEÇO DE TUDO: UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO CARNAVAL E DE SANTA CRUZ.**

Neste primeiro capítulo serão abordadas as origens do carnaval e como ele se reinventou com o passar dos anos, se unindo a outras tradições e sendo diretamente influenciado pela cultura africana, se tornando uma característica indispensável na definição de Brasil. O carnaval do Rio de Janeiro e suas transformações será ponte para o começo deste capítulo, seguido por parte da grande história do bairro de Santa Cruz e por fim contando sobre o Carnaval do bairro de Santa Cruz que já foi referência na Zona Oeste do Rio. A maioria das informações sobre o Carnaval de Santa Cruz foram reunidos graças ao acervo do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH)<sup>2</sup>.

### **1.1. “A brincadeira nas ruas que virou desfile”: o Carnaval no Rio de Janeiro.**

Em fevereiro ou março acontece o carnaval no Brasil, com seus quatro dias de folia as ruas ficam coloridas e animadas, com música e serpentina por todos os lados. Com base em Diniz (2008, p.17), o começo dessa festividade no Brasil tem uma influência direta com Portugal, o modo de festejar nas ruas, as brincadeiras, em sua maioria foram criadas pelos portugueses e abasileiradas com o tempo. No século XVII a festa trazida pelos portugueses tinha outros modos de acontecer, era denominada “Entrudo”, com várias brincadeiras nas ruas, mas seguindo uma linha mais agressiva, todos podiam participar, até as pessoas escravizadas, com o tempo essa festa foi se adequando ao Carnaval que conhecemos atualmente (Diniz, 2008, p.17).

O Entrudo apresentou a população muitas brincadeiras nas ruas que fizeram a folia se popularizar ainda mais, o “Zé Pereira”, criado pelo sapateiro José Nogueira de Azevedo, foi uma brincadeira que incluía a todos da sociedade, o que precisava eram tambores e bombos e seguir pelas ruas ritmado. Com o reconhecimento, o que era apenas para ouvir ganhou letra para cantar, um ator da época, Francisco Correia Vasques, ao adaptar a celebração das ruas para o teatro, criou uma música para Zé Pereira: *“E viva o zé-pereira pois que a ninguém faz mal e viva a bebedeira nos dias de*

---

<sup>2</sup> Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH) é o espaço de pesquisa histórica do bairro de Santa Cruz que se localiza no Palacete da Princesa Isabel. Disponível em: [Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz – Visite Museus](#). Acesso em: 02 jun. 2025.

*carnaval Zim, balalá! Zim, balalá e viva o carnaval”* (Diniz, 2008, p.18). A música fez bastante sucesso entre os foliões e passou a ser uma característica marcada no tempo de carnaval. Segundo Diniz (2008, p.18) esse modo de festejar nas ruas, seguindo um ritmo e cantando, do Zé Pereira, influenciou diretamente na criação dos surdos que as escolas de samba usam para marcar o tempo e manter a harmonia da composição na avenida.

No século XIX celebração foi encantando e convocando mais pessoas para a festejar, nesse momento os cordões foram criados, e que seriam a reunião de várias pessoas para passar nas ruas com batuque e a cantoria, esses cordões contavam com um mestre que organizava a música com um apito. Essa organização também influenciou na criação dos desfiles de escolas de samba, pois as pessoas iam representando os mais diversos temas com roupas coloridas, acessórios, penas, cores diferentes, as fantasias eram feitas pela população que pensava e criava diferentes roupas para cada ano.

Os cordões mobilizavam a comunidade para confeccionar estandartes luxuosos e despendiam razoáveis somas de dinheiro para apresentá-los à sociedade, em concurso organizado pelo Jornal do Brasil. Podemos dizer que vem de longe a organização das comunidades que hoje sediam as escolas de samba, trabalhando para o seu êxito. (Diniz, 2008, p.19)

Os espaços das “Sociedades” foram criados em meados do século XIX. As sociedades foram clubes onde as pessoas se reuniam para jogar cartas, criar vínculos em comum e debater sobre as questões da sociedade, era parecido com o Corso com confetes e serpentinas, a única diferença era a não necessidade da participação dentro de carros. As sociedades não eram a melhor forma de representar toda a diversidade da sociedade brasileira, as pessoas que se reuniam em sua maioria eram pessoas brancas e com uma condição financeira mais elevada, ainda assim, não é possível configurar esses encontros como irrelevantes, mesmo com a falta de representatividade ainda existia a discussão política feita pelos membros, em um desses momentos de uma possível tentativa de ir contra as injustiças da época, uma das sociedades, a Sociedade Tenente dos Diabos em 1864, deixou de desfilas para comprar a digna liberdade de doze escravos (Diniz, 2008, p. 23). As sociedades disputavam entre si qual foi a melhor em seus desfiles, com o passar do tempo as reuniões influenciaram no que é chamado de Escola de Samba hoje. Albin (2009) reafirma esse pensamento explicando que:

Quanto à forma processional de desfile orgânico por uma determinada rua, as escolas têm suas origens mais diretas nos ranchos carnavalescos e nas grandes sociedades. Essas, anteriormente chamadas de grandes clubes carnavalescos, foram pioneiras na “organização” do carnaval, com sede própria, estatutos e funcionando quase todo o ano com bailes, convêscotes e que tais (Albin, 2009, p. 251).

A influência negra e africana nas escolas de samba não podem ser ignoradas, pois fazem parte da criação do carnaval no entrudo e até hoje nas grandes escolas de samba que desfilam nas avenidas. Os Ranchos criados no final do século XIX, além de terem uma referência direta com a cultura negra e africana, ainda tinha influência da cultura nordestina, para ser oficialmente um rancho quem dava o aval eram as mulheres negras baianas que passaram a ter um papel de muita importância e representatividade no Carnaval (Diniz, 2008, p. 21). Brincar o rancho na rua era o começo do desfile organizado das escolas de samba, tinha uma produção de uma música específica, as pessoas eram separadas quase como uma escola de samba atual, de acordo com Albin (2009, p. 252) a bandeira dos ranchos eram conduzidas por porta-estandartes e a baliza que rodeava o porta-estandarte enaltecendo a bandeira, e que hoje na avenida são a porta-bandeira e o mestre sala nos desfiles das escolas de samba.

O começo dos ranchos se deu pelos imigrantes nordestinos na zona portuária do Rio de Janeiro, demonstrando que o Carnaval como conhecemos atualmente foi criado por várias pessoas, de diferentes partes do país, de diferentes etnias, culturas e classes sociais, com a popularização dos ranchos, cordões, e da festa em si, a classe média e alta começam a participar ainda mais, porém com o seu modo de se diferenciar das classes mais baixas.

Mesmo que a comemoração nas ruas fosse incrivelmente popular do modo que era feita, as classes sociais mais altas não queriam se misturar no carnaval popular, Diniz (2008, p. 22) explica que as pessoas com maior poder aquisitivo acreditavam que era uma festa só pautada na bagunça, e muitos deles queriam se distanciar desse modo de celebração, devido ao preconceito contra pessoas mais pobres e o racismo com pessoas negras. Ao comentar desse momento do país é impossível não reparar o racismo da sociedade brasileira, nesse período a Lei áurea<sup>3</sup> tinha sido recém assinada e a realidade de negros e brancos vivendo juntos era recente e complicada, segundo Marigoni (2011), os negros foram “libertos” em teoria, pois ainda estavam reféns de um

---

<sup>3</sup> A Lei áurea foi uma lei assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888, após uma série de pressões nacionais e internacionais, que concedia liberdade para os escravizados no Brasil. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/15-dicionario/65-dicionario-da-administracao-publica-brasileira-do-periodo-imperial/276-lei-aurea>. Acesso em: 14 jun. 2025.

sistema racista daquela época que não os incluía e não tinha nenhum tipo de planejamento para reinserir essas pessoas na sociedade que estavam criando, os escravizados se tornaram mendigos e as crianças foram abandonadas nas ruas, com o aumento dos negros nas ruas eles são cada vez mais perseguidos.

[...] as autoridades logo voltam-se para a repressão a diversas manifestações populares. A partir de 1890, são impiedosamente perseguidos os capoeiras, valentões, predominantemente negros e pobres, que praticavam essa modalidade de luta pelas ruas do Rio de Janeiro (Marigoni, 2011, *online*).

Visto que precisavam se diferenciar, a classe média principalmente e parte da classe alta, começaram a seguir um caminho parecido com a do “povão” do carnaval de rua, mas demonstrando que não eram iguais aos que eles consideravam bagunceiros. O começo dessa mudança aconteceu pela modernização no cenário do Rio de Janeiro<sup>4</sup>, essas modificações foram incluídas no carnaval da elite, a moda do momento era a ostentação de carros, pois ocorreu a abertura da Avenida Central, onde os carros passavam com as pessoas fantasiadas.

[...] Modernizar, para a elite dos primeiros anos do século XX, era retirar do centro da cidade todos os traços de africanidade e de pobreza, empurrando a população mais humilde para as favelas e subúrbios. A modernização do Rio caminhava de mãos dadas com a construção moderna da exclusão social. (Diniz, 2008, p. 41)

A junção do carro com as fantasias e a festa de Carnaval foi denominada Corso, as primeiras que começaram com essa tendência foram as filhas de Afonso Pena, ex-presidente do Brasil, em 1905 no dia da abertura da Avenida Central, o que inspirou várias outras pessoas da elite a seguir o mesmo exemplo e saírem fantasiados em seus carros, essa parte nova do carnaval influenciou no pensamento da criação dos carros alegóricos das escolas de samba no Brasil.

Com o advento de uma mudança total no centro do Rio, nasce a “Pequena África” na Cidade Nova que era formada pelos pobres e negros que foram expulsos do centro. Com a sua população majoritariamente negra, a Pequena África foi o primeiro berço do samba e onde se localizavam as tias baianas, mulheres negras que eram como mães

---

<sup>4</sup> Durante o governo do presidente Rodrigues Alves (1848-1919), 1902-1906, houve uma necessidade de modernizar a capital do Brasil naquele momento, o Rio de Janeiro, então o prefeito Pereira Passos (1836-1913) implementou o “bota abaixo” cujo objetivo era retirar as pessoas mais pobres das áreas centrais do Rio, embelezar, “higienizar” e transformar essa parte com uma visão arquitetônica mais europeia. Disponível em: [Rio de Janeiro - História da Cidade - A administração do prefeito Pereira Passos: o "bota-abaixo"](#) Acesso em: 03 jun. 2025.

e que mantinham as tradições vivas, dentre essas mulheres temos Tia Ciata, que era uma mulher negra que fazia doces e costurava as fantasias de Carnaval, com isso o quintal de Tia Ciata se tornou o espaço de transformação e renascimento daqueles que foram excluídos com a “higienização” do centro do Rio de Janeiro (Diniz, 2008, p. 40).

A Praça Onze foi o espaço onde as festas aconteciam, foi um dos primeiros lugares que foi eternizado em samba, a praça era o espaço que os excluídos e indesejados pelo governo iam festejar, dançar e cantar. A praça foi local de folia durante bons anos, a partir de 1930, o local tinha apresentação das escolas de samba e dos ranchos, mas foi infelizmente destruída para a construção da Avenida Presidente Vargas em 1944, os sambistas da época refletiram o seu sofrimento em música, Zé Ketí, por exemplo, canta sobre a praça em sua música “Praça onze, berço do samba”, (*“Favela do Camisa Preta dos Sete Coroas, pra ver o teu samba, Favela, era criança na praça Onze, eu corria pra te ver desfilar [...]”*), na mesma música a favela é citada, nesse momento a favela passa a ser o segundo berço do samba, pois também era local de moradia dos excluídos anteriormente e de onde nasceram muitas escolas de samba (Diniz, 2008, p. 42 - 43). As marchinhas também são características inseparáveis do carnaval, aparecem durante a festa e não saem da boca do povo, Arantes completa que:

Junto com o samba, a marchinha passou a ser o gênero predominante no Carnaval. Enquanto o samba carnavalesco é geralmente sentimental, romântico e chorão, a marchinha é viva, buliçosa, por vezes canalha e, portanto, bem mais carnavalesca. (Arantes, 2013, p. 17)

De acordo com Diniz (2008, p. 44), a Avenida Presidente Vargas foi o novo espaço para a passagem das escolas de samba, mas, além disso, foi palco de manifestações e reivindicações da população, a obra da avenida não foi pequena, várias casas foram demolidas para a conclusão da obra. Com o passar do tempo foi construído o Sambódromo, na Avenida Marquês de Sapucaí, em 1984, o espaço foi planejado por Oscar Niemeyer para passar os desfiles das escolas já que o carnaval estava se popularizando ainda mais, o evento foi ficando cada vez mais detalhado e os desfiles cada vez mais luxuosos, com carros maiores e mais investimento das agremiações (Diniz, 2008, p.44). Com o carnaval ficando mais requintado, as participações exigiam mais dinheiro, assim a comunidade que estava participando desde a praça onze começa a ter dificuldade de acompanhar os desfiles. A partir desse momento o carnaval começa a se apresentar como é atualmente, com muitos

investimentos nas escolas, o envolvimento do jogo do bicho, e se torna o espetáculo que as pessoas conhecem até em outros países.

O bloco carnavalesco “Deixa falar” foi considerado a primeira escola de Samba do Brasil (IPHAN, 2006, p.20), criado por um grupo de jovens negros do bairro Estácio de Sá, mesmo que sejam considerados a primeira escola de samba, ainda se intitulavam de bloco, o grupo de jovens sambistas criou o samba enredo ao modificar o samba para ter mais a cara do carnaval, tendo uma batida mais rápida, segundo o compositor Babaú, essa novidade seria o “samba de sambar”. Entretanto, Simas & Mussa (2023, p.15) relatam que as primeiras escolas de samba, com o título de Escola de Samba, foram a Mangueira e a Portela, Cartola contava que a criação da Mangueira foi em 28 de abril de 1928, já Antonio da Silva Caetano, membro da Portela, reivindica o título de primeira escola de samba, alegando que a Portela foi criada em abril de 1926 (Simas & Mussa, 2023, p.15).

O batuque dos terreiros, a cultura africana, a força das baianas, a dança e as canções dos negros, tudo isso foi uma influência para a criação do carnaval, até hoje a festa sofre com preconceitos, mas hoje é cultura que não pode se separar da história do Brasil. As escolas de samba atualmente tem uma imensa força nas comunidades que nasceram, a criação de um desfile é feita não apenas por uma pessoa e sim por um grupo muito grande que auxilia nas roupas, nos adereços, no samba e em todos os mínimos detalhes, a força de uma escola de samba está na comunidade, sem o apoio das pessoas a escola define e acaba, morrendo toda a tradição de anos. Vale comentar que o carnaval de hoje é diferente de antigamente, o luxo tomou conta dos desfiles, até patrocinadores de casas de aposta virtual podemos perceber na avenida, mas ainda, sim, o carnaval é cultura brasileira, há quem vá contra essa festa na rua, que acredite que é apenas bagunça, entretanto o carnaval é o esforço e o sonho de muitos que transborda na avenida apenas uma parte desse amor pelas escolas do coração.

## **1.2. “O bairro onde o trem dorme”: Santa Cruz.**

Com uma população de 249.130 habitantes<sup>5</sup>, sendo o segundo bairro mais populoso do Brasil com base no Censo de 2022 feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro de Santa Cruz que faz divisa com Sepetiba,

---

<sup>5</sup> Disponível em: [Censo 2022: 87% da população brasileira vive em áreas urbanas | Agência de Notícias](#)  
Acesso em: 03 jun. 2025.

Paciência e Itaguaí, ainda, sim, em comparação com outros bairros do Rio de Janeiro, não tem sua devida valorização, boa parte da população não conhece a história do bairro, um espaço tão rico em história e cheio de ancestralidade.

O bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, da extrema Zona Oeste, considerado bairro imperial no ano de 2022<sup>6</sup>, é um dos bairros que mais tem história para contar, contudo, a baixa valorização dos espaços históricos de Santa Cruz só reforça que o bairro se tornou quase invisível para o Estado. Ser nomeado Bairro Imperial hoje não isenta os anos e anos de sucateamento, o título que o bairro carrega foi recebido graças a todos os moradores que acreditam lutaram para o reconhecimento.

A história do bairro se constrói desde antes dos anos de 1500, onde alguns indígenas se fixaram e praticaram a sua agricultura no local, conforme Nogueira (2019, p.5), antes de ser Santa Cruz, foi nomeado como “piracema” pelos indígenas tupinambás que moravam nessas terras, o nome em tupi significa “abundância de peixes”, referência ao litoral brasileiro, já que naquela época a demarcação de terras era diferente da atual, Santa Cruz não tem praias, mas se localiza perto de Sepetiba. Infelizmente as praias de Sepetiba nos dias de hoje não são próprias para banho.

Após a invasão dos portugueses, os indígenas perderam suas terras e os jesuítas se apropriaram do local transformando em um grande engenho que era mantido por mão de obra escrava, africana e indígena de forma mais “amigável” (Nogueira, 2019, p. 6). A antiga fazenda Santa Cruz é de extrema importância para contar a história do bairro, pois foi com ela que os avanços foram acontecendo no território como citado anteriormente. Os jesuítas que primeiro organizaram essa grande fazenda entre 1590 e 1759, ao investir nessa fazenda os jesuítas auxiliaram bastante no desenvolvimento econômico da região, nesse período criaram a Ponte dos Jesuítas, que existe até hoje.

Conforme Nogueira (2019, p.6), a sede da fazenda e a capela foram construídas em um local mais elevado, com uma grande cruz na frente para representar a religião católica, posteriormente essa cruz influenciaria na nomeação do bairro, Santa Cruz, ao redor da sede foram feitas construções de moradias, locais de trabalho, as senzalas dos escravos e escolas, que reforçam o desenvolvimento ao redor da sede da fazenda, que também se reflete na formação atual do bairro onde o centro até hoje se localiza ao redor de onde era a sede da fazenda Santa Cruz dos jesuítas. Viana (1974, p. 66) também comenta sobre as construções que existiam na fazenda entre elas engenhos

---

<sup>6</sup> Disponível em: [Câmara Municipal do Rio de Janeiro - Agora é lei: Santa Cruz é reconhecido como Bairro Imperial](#) Acesso em: 3 jun. 2025.

de açúcar, cadeia, hospital e oficinas de trabalho de tecelagem, carpintaria, entre outros.

Na fazenda de Santa Cruz se localizavam muitos rios e lugares alagados, os jesuítas vendo que seria um problema para as plantações realizaram estudos para diminuir os estragos criados pelas águas do Rio Guandu, assim construíram a ponte para controlar o rio em épocas de cheias (Mansur, 2009, p. 63 - 64 *apud* Soares, 2021, p.107). Os jesuítas investiram na fazenda e utilizaram de seus conhecimentos para alavancar a produção e continuar com a força da fazenda, mas após um tempo foram expulsos das terras em 1759 pelos portugueses.

Conforme Nogueira (2019, p. 8) relata, a fazenda passou por um período de abandono, mas com a chegada da família real portuguesa no Brasil em 1808 e a mudança do governo português para o Rio de Janeiro, Santa Cruz se tornou um local de veraneio e o convento dos jesuítas passa a ser o Palácio Real da família, Dom Pedro I primeiro continua utilizando a fazenda e até passa sua lua de mel no Palácio Imperial de Santa Cruz, assim ao redor do palácio houveram mais investimentos na infraestrutura, na economia e na cultura, sendo a pioneira em vários sentidos, foi em Santa Cruz que a primeira linha telefônica da América do Sul foi implantada e a primeira agência dos Correios do Brasil, pois se localizava em um local estratégico para chegar a vários locais importantes da época, em 1878 foi inaugurada a Estação de Santa Cruz da Estrada de Ferro Central do Brasil, que se conectava com o centro do Rio de Janeiro, auxiliando no transporte de carne e dos passageiros (Nogueira, 2019, p. 9).

Em 1881 foi criado o matadouro de Santa Cruz, conjunto do Palacete da Princesa Isabel (sendo a sede administrativa), a vila operária e a estação de trem, no matadouro que tratava das carnes para a venda, recebendo o produto de vários lugares do país, em conjunto com a linha férrea essa carne era vendida para toda a cidade e para todo o país, dessa forma Santa Cruz multiplica seu desenvolvimento econômico e populacional, se urbanizando cada vez mais, principalmente ao redor dos espaços de trabalho (Nogueira, 2019, p.9). Contudo, a fazenda de Santa Cruz perdeu sua força com a assinatura da Lei Áurea, que libertava os escravos e passou a ter suas terras sem manutenção. Além disso, segundo Viana (1974, p. 93) o tamanho da fazenda e seu clima chuvoso foram alguns dos motivos da falta de investimento da família real portuguesa, pois requeriam muitas obras para continuar com a produção agrária, Viana também esclarece que:

A Coroa portuguesa, por sua vez, não dispunha dos recursos financeiros a serem empregados em grande escala para fazer de Santa Cruz uma unidade produtiva altamente rentável. Todo o capitalista sabe que para ganhar dinheiro é necessário gastá-lo também. Ora, a Coroa neste momento estava exatamente em condições contrárias. A possibilidade de transformar a fazenda numa propriedade rentável dependeria, primeiro, de tempo e, segundo, de capital. Estes eram precisamente o que faltava ao antigo poder colonial, pois a crise era atual e marcante (Viana, 1974, p.94).

De acordo com Nogueira (2019, p. 11), em 1936 é criado o Aeroporto Bartolomeu de Gusmão, para o pouso dos dirigíveis e receber a construção de um grande Hangar, no Rio de Janeiro esse aeroporto se conectava com a Alemanha e tinha pousos dos dirigíveis alemães Zeppelin e Hindenburg, essa informação pode se ligar a criação da palavra “Clóvis” que seria elaborada mais a frente, em 1942. O aeroporto se torna a Base Aérea de Santa Cruz, Aeroporto Militar da Força Aérea Brasileira. Dez anos depois da criação do aeroporto, Nogueira (2019, p.11) relata que a sede da Fazenda de Santa Cruz vira a base do Primeiro Batalhão de Engenharia de Combate, anteriormente o Batalhão Villagran Cabrita, o motivo da escolha do batalhão ser na antiga sede da fazenda foi a sua localização especial pensada pelos jesuítas há bons anos, pois fica em um espaço elevado e é visto de longe pelas pessoas, sendo um espaço com vista privilegiada.

Em Santa Cruz também foi criado um distrito industrial, como Nogueira (2019, p.11) relata em seu texto, o distrito foi pensado em 1967, mas inaugurado em 1973, chamado de Zona Industrial de Santa Cruz, nos anos 70 a CEHab<sup>7</sup> (Companhia Estadual de Habitação), investe na criação de conjuntos habitacionais que aumentaram a quantidade da população do bairro.

Santa Cruz não é um bairro referência em espaços de cultura, mas ainda, sim, possui os seus locais onde as pessoas podem se entreter e aprender. A falta de um cinema no bairro é assunto recorrente com os moradores, a maioria se desloca para outros bairros para ter acesso aos filmes das telonas, alguns vão para Campo Grande, Bangu e até Itaguaí. Na questão dos museus<sup>8</sup> a maioria dos habitantes se desloca para o centro do Rio para visitar, por exemplo, o Museu do Amanhã, entretanto mesmo que o trem facilite essa chegada ao centro do Rio, muitos não visitam o espaço provavelmente por ser muito longe, pela passagem cara ou por acreditar que não fazem parte dessa forma de cultura.

---

<sup>7</sup> Disponível em: [A EMPRESA / Missão | Cehab](#) Acesso em: 03 jun. 2025.

<sup>8</sup> Experiência pessoal e também relatadas por moradores durante a criação desse tabalho.

Mesmo com a falta de investimentos na preservação dos espaços históricos e a pouca preocupação do Poder Público em tornar a cultura acessível para os moradores de Santa Cruz ainda existem pessoas que acreditam no potencial do bairro, essas pessoas são as responsáveis por manter a história e a cultura local viva, um exemplo seriam as pessoas que trabalham no Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH).

O núcleo de pesquisa fica dentro do Palacete da Princesa Isabel, espaço criado em 1881, hoje é um ecomuseu, que auxilia na pesquisa histórica de Santa Cruz mantendo um acervo de diversas informações sobre o bairro e sobre a Zona Oeste desde 2008, no espaço também acontecem eventos de música, exposições, palestras e vários outros tipos de eventos. As casas antigas que estão presentes em Santa Cruz até hoje carregam suas datas de construção, algumas são do final dos anos de 1800 e outras do começo dos anos de 1900, a maioria está em espaços bem visíveis pelo bairro, algumas passaram por uma revitalização, mas ainda existem casas que estão abandonadas e não são valorizadas.

O ramal de trem de Santa Cruz/Deodoro é um dos motivos do bairro ser lembrado pelos cidadãos de outros bairros, sendo a última estação, “onde o trem dorme”, um dos principais meios de transporte dos moradores, pois ele liga o bairro até o centro do Rio, passando por vários outros bairros da zona oeste e zona norte. O trem e o BRT (*Bus Rapid Transit*), ambos os transportes foram sucateados, moradores mais velhos do bairro alegam que o BRT afetou diretamente o carnaval de Santa Cruz, pois foi criado em um local onde os principais blocos passavam.

A violência no bairro ainda é um tópico frequente, isso se dá pela constante guerra entre milícias no território, essa questão não é exclusiva do bairro de Santa Cruz, mas com o passar dos anos esse conflito fica cada vez mais brutal, e acaba refletindo na vida dos moradores do bairro. No ano de 2023<sup>9</sup>, a morte de um dos maiores chefes da milícia do Rio de Janeiro ocasionou uma onda de acontecimentos em toda Zona Oeste, como ameaças a comerciantes e atear fogo em diversos ônibus, Santa Cruz foi um dos bairros afetados por esses ataques. É possível perceber que a violência ainda é bem recorrente, alguns espaços do bairro são considerados mais perigosos que outros, esses conflitos afetam principalmente o trabalhador e os estudantes que em sua maioria tem suas vidas colocadas em perigo.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/11/04/tiroteio-milicianos.ghtml>  
Acesso em: 3 de jul. 2025.

No livro de Mansur & Rosa (2022, p. 71 - 72), os autores tecem uma crítica aos problemas atuais do Brasil, que visivelmente se refletem nos espaços mais desvalorizados do país, sendo Santa Cruz apenas um dos afetados dentre esses mares de desigualdades que navegamos, os autores reforçam a potência que o país poderia ter sido e que pelas estradas por onde passavam figuras importantes com suas carruagens, hoje não são valorizados e são abandonadas pelo Poder Público.

Os subúrbios cariocas, outrora atravessados pela Estrada Real com seus príncipes e princesas, pintores europeus como Debret e Thomas Ender, cientistas e outras personalidades, todos se dirigindo ao Palácio de Santa Cruz, formam uma região que representa bem esse processo de exclusão social, já que sua população é privada dos direitos básicos que o poder público deve oferecer aos cidadãos, um Brasil com que algumas daquelas pessoas que fizeram a Independência podem até ter sonhado que iria acontecer, mas que nunca saiu do papel. (Mansur & Rosa, 2022, p.71)

Além disso, os autores citam sobre a concentração de riquezas nas mãos de poucas pessoas e a falsa extinção da escravidão, pois ainda hoje muitas pessoas vivem com baixos salários e sem direito a transporte, saúde e direitos básicos dignos (Mansur & Rosa, 2022, p.72). Dito isso, o bairro de Santa Cruz não sai ileso dessa crítica, com a falta de investimentos visível, o bairro fica cada vez mais esquecido na extrema zona oeste do Rio de Janeiro.

### **1.3. “O Carnaval do Bairro Imperial”: Carnaval em Santa Cruz**

No bairro de Santa Cruz as primeiras notícias de Carnaval foram em 1908, segundo documentos do NOPH escritos por Souza (1992), mas essa comemoração era feita em sociedades específicas e em salões. Em 1912 surgia o primeiro clube denominado “Progressistas”, e outros clubes surgiram com o passar do tempo, como o clube dos “Democráticos” e dos “Furrecas”. No período de carnaval os clubes se distribuíam nas ruas no centro do bairro para começar a festa, onde desfilavam com fantasias e carros alegóricos, arrastando as multidões, e tornando a festa mais pública saindo dos salões onde eram anteriormente feitas.

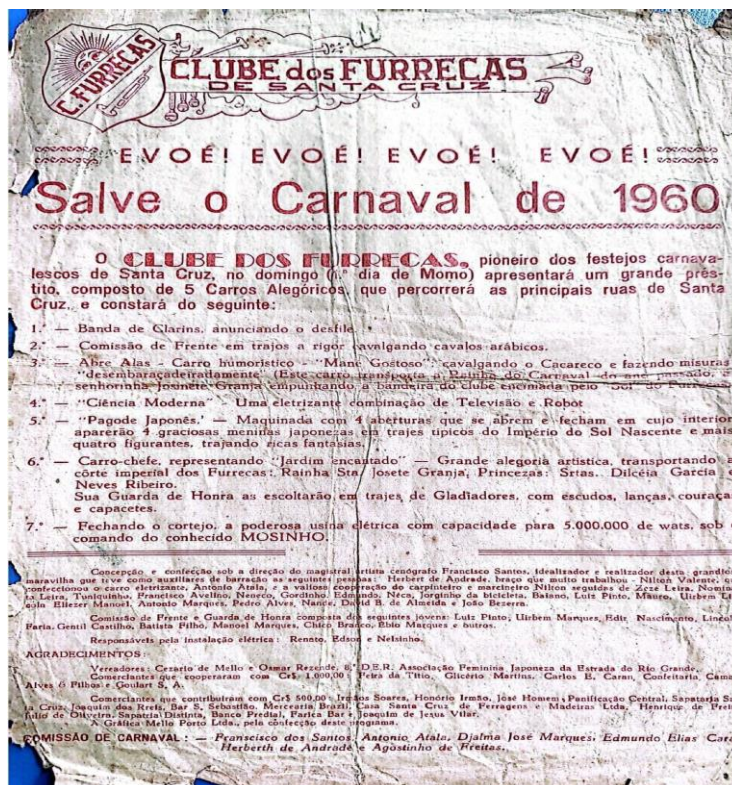


Imagem 1 - Imagem que mostra a organização e convocação dos foliões para o desfile do Clube dos Furrecas em 1960. Fonte: Documento do arquivo do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH). Foto produzida pela autora em: 3 jul. 2024.

Os clubes realizavam desfiles com seus carros alegóricos, era decidido um tema para o desfile e todos os carros eram enfeitados seguindo o enredo, havia uma disputa entre os clubes e nenhum deles queria ficar para trás, os participantes trabalhavam noite e dia na confecção dos desfiles, tudo isso para ganhar a competição que acontecia no centro de Santa Cruz (Souza, 1992).

A partir dos anos de 1950 o posicionamento político da população se tornou mais perceptível com a criação do Bloco da Crítica, em 1954. O bloco foi criado devido à negação de alguns comerciantes em auxiliar a festa acontecer, com isso um grupo de pessoas se reuniu para desfilarem no ano seguinte com roupas e música própria, a letra da música era como o nome do bloco já demonstrava, críticas as situações, pessoas, instituições e outros assuntos que queriam trazer para a rua e fazer suas reivindicações, em sua maioria no improviso (Souza, 1986). Em 1963, o desfile do bloco fazia uma crítica a violência policial, pois vários corpos de pessoas em situação de rua foram encontrados em determinada parte do bairro, mostrando indignação com a falta de respostas desses acontecimentos (Souza, 1992). O bloco não tinha uma organização regulamentada, mas ainda assim tinha sua própria arrumação, o modo de reivindicar

fez com que várias pessoas esperassem ansiosamente pelo bloco todos os anos, o crescimento do bloco fez as pessoas a frente da “organização” implantar um carro alegórico para passar pelas ruas.

Com o golpe militar em 1964 o Bloco da Crítica também sofreu com a censura dos militares, por ser um bloco que tinha como principal no desfile demonstrar as insatisfações da população, o desfile teve que lidar com as repressões, em documentos do Núcleo de Pesquisa e Orientação de Santa Cruz (NOPH) escritos pelo pesquisador Sinvaldo do Nascimento (1992), é possível observar que algumas das placas foram riscadas devido à censura. Com a saída do Mariano Filho, liderança do bloco, após dezesseis anos, o bloco mudou seu nome para “Fruto Proibido”, e em meio a ditadura ainda se mostrava ativo, em 1984 o bloco na terça de carnaval às 17 horas, fez seu desfile a favor das “Diretas Já”<sup>10</sup> para presidente, reforçando o seu movimento político. Souza (1996, p. 6) apresenta o relato de um dos organizadores sobre o fim do bloco, dizia que “Tudo era feito na base do improviso, acabou quando deixou de ser independente e livre”.



Imagem 2 - Imagem de um dos desfiles do Bloco da Crítica com uma placa riscada em “X” para ser censurada. Fonte: Documento do arquivo do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz (NOPH). Foto produzida pela autora em: 3 jul. 2024.

Os carnavais nas ruas de Santa Cruz ainda são coloridos e cheios de música,

<sup>10</sup> Movimento popular feito durante o final da ditadura (1964-1985) para a realização de eleições livres e democráticas para presidente do país. Disponível em: [anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210564\\_84d38c9cfe41bf5923ff197bcd787740.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210564_84d38c9cfe41bf5923ff197bcd787740.pdf) Acesso em: 03 jun. 2025.

muita gente fantasiada cantando as marchinhas de carnaval e os sambas enredos das escolas de samba, uma tradição que ainda acontece, mas que parece ter perdido um pouco da popularidade são as fantasias de bate bola, muitos deles se reuniam em grupos para definir como seriam as roupas, todos tinham muitos panos coloridos, saiam nas ruas para assustar as crianças e se divertir, alguns jogavam espuma nas pessoas que passavam e outros batiam com bolas duras amarradas em linhas no chão para fazer bastante barulho, antigamente essas bolas eram feitas de bexiga de boi.

Os bate bolas possuem vários nomes diferentes, mas um deles que é bem popular é o “Clóvis”. Com base no texto de Pereira (2008, p. 24), esse nome teve sua origem em Santa Cruz durante a segunda guerra, existem documentos que defendem que a origem da palavra “Clóvis” veio dos americanos, outros autores contam que surgiu pelos alemães, alguns até mesclam essa origem com os dois países, mas o fato é que os militares estrangeiros que estiveram na Base Aérea de Santa Cruz (BASC), no Hangar do Zepelim, onde eram guardados os dirigíveis, chamavam os bate bolas de *Clown*, palhaço em inglês e alemão, e os brasileiros não pronunciavam corretamente, assim o nome sofreu um “abrasileiramento” se tornando Clóvis (Pereira, 2008, p. 24).

A criação dos bate bolas pode não ter sido em Santa Cruz, mas existem muitas lembranças do carnaval do bairro com essas figuras coloridas, a confecção das roupas começava meses antes, o grupo de bate bolas se reunia e decidiam o tema das roupas naquele ano, mas a característica principal era os muitos panos, as fantasias não eram baratas, custavam em torno de 500 a 800 reais, no documentário “Carnaval, Bexiga, funk e Sombrinha” de Marcus Vinicius Faustini (2006), as pessoas que vestiam o bate bolas relataram que deixavam de comprar uma roupa nova para o final do ano para ter o dinheiro no carnaval e comprar todas as partes da fantasia do Clóvis.

Faustini (2006, *online*) mostra alguns dos grupos de bate bolas e as opiniões que eles compartilhavam, um dos tópicos era sobre a suposta violência que os bate bolas incentivavam, os participantes das turmas dos Clóvis não negaram que existia uma disputa, principalmente de território, e que alguns não respeitavam e tinham práticas ruins quando se fantasiavam, mas os entrevistados reforçavam que a maioria não compactuava com essas ações. É importante ressaltar que a maior porcentagem de bate bolas se encontrava em periferias, seja na zona oeste, na baixada fluminense ou em outros locais do Rio de Janeiro, e a fama ruim dos bate bolas fez com que sofressem com repressões da polícia, a ação violenta de poucos afetou todos que brincavam nas ruas, porém este fato não extinguiu a tradição de sair nas ruas fantasiados, até hoje

existem variados grupos que foram passando de geração em geração.

Voltando ao Carnaval de Santa Cruz, o jornal “O Fluminense” em 1978, fez uma matéria sobre o carnaval na zona oeste, citando o carnaval de Santa Cruz como um dos melhores, que mesmo com chuva os foliões não desanimaram e foram as ruas, vale comentar que a maioria dos eventos carnavalescos de grande porte aconteciam na Rua Felipe Cardoso, no centro de Santa Cruz, com o tempo o carnaval no bairro foi perdendo sua força, possivelmente pela modernização do bairro e provavelmente também pela implementação do BRT bem na parte onde a festa acontecia.

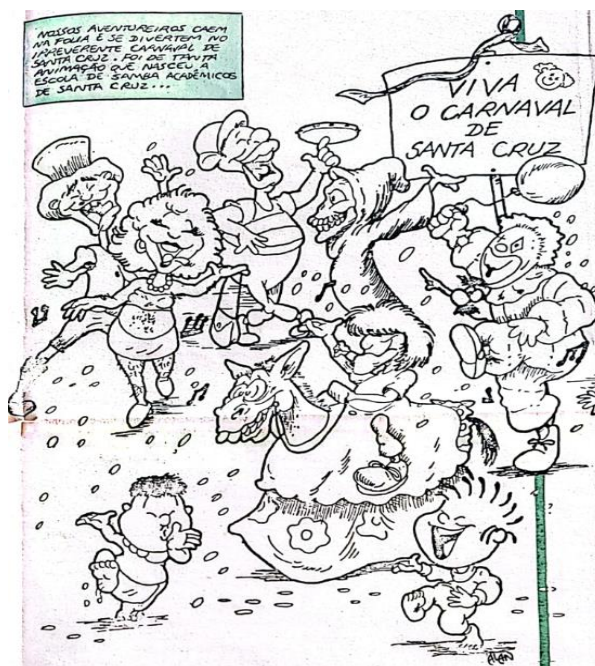


Imagem 3 - Ilustração do carnaval de Santa Cruz Fonte: Imagem do Jornal Arte Plural nº12 fev/mar de 1992, documento obtido pelo NOPH. Autor desconhecido. Foto produzida pela autora em 3 jul. 2024.

Ainda há muita folia em Santa Cruz, mas não com a mesma força de antigamente. O bairro da zona oeste deixou sua marca quando o assunto é Carnaval, entretanto a festa nas ruas ainda não são tão fortes como antigamente, os clubes, blocos não existem mais e os bate bolas aparecem raramente nos dias de festas, atualmente as pessoas do bairro preferem comemorar em outros lugares o Carnaval, por exemplo, indo para bloquinhos no centro do Rio de Janeiro<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Experiências pessoais e também relatadas por moradores do bairro.

## **2. “SANTA CRUZ VEM DESFILAR E LEVANTAR SUA BANDEIRA”: G.R.E.S. ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ EM PERSPECTIVA.**

Este segundo capítulo tem a intenção de mostrar para o leitor uma parte da história da Acadêmicos de Santa Cruz desde o ano de 1959, sendo uma escola da extrema zona oeste do Rio de Janeiro que luta para se manter de pé. Além disso, o capítulo busca fazer uma linha do tempo dos sambas enredos e uma análise dos sambas enredos selecionados para demonstrar como a escola se mostra na avenida e como ela pode trazer temas relevantes que perpassam a população negra, indígena e a classe trabalhadora em seus enredos que se conectam com a formação e atuação do Assistente Social.

### **2.1. “Vai quem quer!”: uma história da escola de Samba.**

A Acadêmicos de Santa Cruz tem uma história<sup>12</sup> de muito samba no pé desde antes de ser o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz oficialmente. Com sua sede no bairro de Santa Cruz, na Rua do Império, a Acadêmicos de Santa Cruz, amadrinhada pela G.R.E.S. Unidos de Bangu, trouxe em seus desfiles as reflexões das questões raciais, políticas, ambientais, entre outros. A escola bem no seu começo não era uma escola de samba, era um bloco de rua chamado “Vai quem quer”, que foi criado por alguns jovens que estavam insatisfeitos com o bloco “Garotos do Itá”, no dia 18 de fevereiro criaram o bloco “Os Acadêmicos de Santa Cruz” para participar dos desfiles que ocorriam naquela região da zona oeste entre Santa Cruz, Campo grande, e outros bairros vizinhos (G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz, 2024).

Guilherme José de Andrade, um dos fundadores do bloco ‘Vai quem quer!’, foi a figura escolhida para representar a liderança da nova escola que acabou de nascer, Dona Marieta que era uma das pessoas que acreditou na escola e sempre presente nos ensaios e blocos, definiu as cores da escola, branco e verde. Com o empenho das pessoas da região apaixonadas pelo carnaval e pelo bairro, a escola venceu vários desfiles na Zona Rural do Rio de Janeiro e se tornou respeitada na região. A escola de samba fez dos mais variados temas em sua trajetória como as religiões de matriz

---

<sup>12</sup> Durante a elaboração deste trabalho (2024-2025), a escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz, trocou de site, com isso algumas informações tiradas do site antigo foram apagadas ou realocadas no site da Wikipédia. O novo site da escola [G.R.E.S. ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ – A Santa Cruz é pra quem acredita](#), explicita que para saber mais sobre a escola devem entrar no seguinte link da wikipédia: [Acadêmicos de Santa Cruz – Wikipédia, a enciclopédia livre](#). Acesso em: 3 jun. 2025.

africana, a defesa ao meio ambiente, referências aos Estados brasileiros, e muita cultura, que em sua maioria cantam sobre as belezas do Brasil (G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz, 2024).

Há informações reunidas por Souza (1986, p.6) que contam que a escola de samba foi criada com a junção de vários blocos de “sujos” da região da zona oeste, além do Garotos do Itá, por exemplo, Unidos de Caxias, Brotinhos do Morro do Ar, Independentes do Morro do Chá, alguns já considerados escola de samba, mas não podemos negar que os clubes dos Progressistas, Democráticos e dos Furrecas com o Bloco da Crítica anteriormente citados também influenciaram na criação de uma escola de samba unificada própria de Santa Cruz.

As cores da escola são o verde e branco, segundo o *site* da Acadêmicos de Santa Cruz<sup>13</sup>, durante um tempo o símbolo da Acadêmicos foi a figura de um boi em referência ao matadouro que existia no bairro, mas hoje é uma coroa, provavelmente referenciando aos tempos de império e da família real portuguesa que esteve presente na história de Santa Cruz. A bateria da escola se denomina “Tabajara da Zona Oeste” e está presente na escola desde que foi formada.

No período entre 1960 e 1980, na letra dos sambas ainda existe uma visão rasa das questões raciais, sem comentar das violências sofridas ou das desigualdades, seja para a cultura negra que estava sendo colocada na avenida ou para a cultura indígena que também sofre com essa tentativa de valorização cultural, entretanto ao fazer essa inclusão dessas minorias a escola não canta sobre questões enraizadas na sociedade que afetam essas culturas.

Em 1984 que o samba começa a seguir rumos um pouco diferentes contando sobre religião de matriz africana o que não era um assunto recorrente na escola, mas hoje se tornou um dos temas que mais aparecem nos desfiles. Dois anos após o fim da ditadura, 1987, a Acadêmicos começa a fazer uma crítica mais focada no governo, com o samba *Quem espera só se cansa*, o samba canta sobre o Brasil, mas não como na visão idealizada de anos atrás, é mais realista e até atual.

Os sambas enredos sobre a ancestralidade, a religião de matriz africana, a escravidão, o racismo, são maioria nos enredos da escola de samba de Santa Cruz, um dos motivos dessa maioria pode ser relacionada a grande parte das pessoas negras e de religião de matriz africana na escola, pois assim a criação dos desfiles e sambas reflete a vida das pessoas de dentro da quadra trazendo para a avenida. Outra questão

---

<sup>13</sup> Disponível em: [Nossa História – G.R.E.S. ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ](#). Acesso em: 3 jun. 2025.

sobre os sambas enredos da escola se encontra na criação do bairro de Santa Cruz, visto que Santa Cruz teve em seu espaço a vinda dos jesuítas e dos portugueses que fizeram muitas transformações no território brasileiro, a acadêmicos hoje traz como uma reparação histórica a história daqueles que naquela época não tiveram voz. Dessa forma a escola contribuiu para ampliar a visibilidade de temas importantes na sociedade, valorizando os grupos socialmente marginalizados, fortalecendo uma identidade cultural e auxiliando na compreensão das contribuições desses grupos na sociedade.

Hoje a escola desfila na Estrada Intendente Magalhães, localizada entre os bairros da zona norte, Oswaldo Cruz, Madureira, Cascadura, os grupos que desfilam nessa via são a Série Prata, Bronze e Avaliação, a Acadêmicos de Santa Cruz desfila pela Série Prata. De 1962 até 2024, segundo o G1, a Acadêmicos de Santa Cruz é segunda escola de samba que mais acumulou títulos na série ouro, dividindo o pódio com a Império Serrano, ambas com 5 vitórias, e ficando atrás da Estácio de Sá com 8 vitórias. A última vez que a escola esteve na Série Ouro foi em 2022, na Série Especial foi em 2003. No total a escola tem 5 títulos na série ouro, 3 na série prata e nenhum na Série Especial.

No livro de Simas & Mussa (2023, p. 159), a Acadêmicos de Santa Cruz é citada como uma escola que mesmo tendo participado de muitos desfiles com as grandes escolas do grupo especial não conseguiu se manter, além disso, os autores citam que a escola trouxe uma polêmica para a avenida, no ano de 1985 com o enredo *Ibrahim, de leve eu chego lá* que comentava sobre Ibrahim Sued<sup>14</sup> (1924 - 1995), o enredo foi considerado um dos menos carnavalescos que uma escola poderia escolher, porém, ainda que contra os que julgaram o samba, o enredo foi considerado um dos melhores da escola.

## **2.2. “Santa Cruz vem desfilar”: uma breve cronologia dos sambas de enredo.**

No começo dos anos de 1960 a Acadêmicos de Santa Cruz apresentou os seus primeiros enredos. Até o ano de 1962 a escola de samba desfilou na zona rural do Rio de Janeiro. O primeiro enredo foi no ano de 1960 com *Nero, o imperador*, seguido por 1961 com *Grandes vultos*, 1962 com *O baile da família real*, 1963 com *Rio de outras*

---

<sup>14</sup> Ibrahim Sued (1924-1995) foi um jornalista que tinha um toque ácido em suas publicações que se mesclavam em críticas políticas ao mesmo tempo que comentava sobre as festas da alta sociedade. Disponível em: [Ibrahim Sued — Portal Mutirão do Brasileirismo Comunicacional](#) Acesso em: 03 jun. 2025.

eras, 1964 com *Costumes e tradições da Bahia*, 1965 com *Rio, Quatro Séculos de glórias*, 1966 com *Epopéia de uma raça*, 1967 com *Núpcias Imperiais*, 1968 com *Moedas e medalhas do Brasil* e fechando os anos de 1960, 1969 com *O rio dos vice reis*. Nesse momento há o começo das exaltações do Brasil devido à ditadura militar<sup>15</sup> (1964 - 1985), o que vai se refletir nos anos de 1970 e 1980 também.

Nos anos de 1970 há a continuação da exaltação do Brasil, sem muitas críticas relacionadas as questões que o país passava, por exemplo, o primeiro enredo da década de 70 foi *Bravura, amor e beleza da mulher brasileira*, que exaltava a mulher brasileira, logo após em 1971 vinha *Três fases da poesia*, em 1972, *Brasil folclórico*, em 1973, *O Rio de todos os tempos*, 1974, *O rouxinol da canção brasileira*, 1975 *Bahia de São Salvador, tenda dos milagres*, 1976, *Brasília, sonho imperial, realidade nacional*, 1977, *Luar do Sertão (Catulo da Paixão Cearense)*, 1978, *Carlos Gomes, O mestre da musicologia nacional*, e finalizando os anos de 1970, em 1979 com *Um domingo na quinta da boa vista*.

Ainda com visões mais idealizadas do Brasil, os anos de 1980 começam com o enredo *Afro-Brasileiro, mundo maravilhoso*, passando para 1981 com *Amazonas, verde que te quero verde*, 1982 *Braguinha, carnaval de sonho*, 1983 *Uma andorinha só não faz verão*, 1984 *Acima da Coroa só um rei* e fechando o período de ditadura em 1985 com *Ibrahim, de leve eu chego lá*. A partir de 1986 em *E você, o que é que dá?* começa um possível novo rumo para a escola com seus enredos, em 1987 com *Quem espera só se cansa* é possível encontrar uma crítica mais clara a diversas questões abordadas na letra do samba enredo, como a questão do trabalhador explorado na sociedade capitalista, logo em seguida a Santa Cruz traz em 1988 *Como se bebe nessa terra*, em 1989, *Stainslaw, uma história sem final* ganhou no Grupo 2 (Série Ouro) e garantiu um lugar para a escola na série especial.

Na década de 1990 a agremiação já começou com um rebaixamento, a apresentação foi *Os heróis da resistência*, não agradando muito os jurados. Nos anos seguintes os enredos foram *O boca do inferno* em 1992, *Quo vadis? Meu negro de ouro* de 1993, *A rota dos Mercadores* de 1994, *Deuses e costumes nas terras de Santa Cruz* de 1995, *Ribalta, luz, sonho e ilusão* de 1996, *Não se vive sem bandeira* de 1997, *Exagerado Cazuzza, nas terras de Santa Cruz* de 1998 e fechando os anos 90, *Abraham*

---

<sup>15</sup> Durante a ditadura militar (1964-1985) o governo promovia em propagandas que o Brasil era um lugar perfeito, com slogans "Brasil, Ame-o ou Deixe-o", e canções como "Eu te Amo meu Brasil", escondendo as censuras e repressões do período. Disponível em: [Período da história do Brasil conhecido como os "anos de chumbo" - Rádio Câmara - Portal da Câmara dos Deputados](#) Acesso em: 15 jun. 2025.

*Medina – Em Noite de Gala de 1999.*

A escola de samba começou os anos 2000 com um enredo sobre *Brasil: do extrativismo à reciclagem 500 anos de riquezas*, passando para 2001 com *Mário Lago, na rolança do tempo uma vida cheia de histórias*, 2002 com *Papel - Das origens à folia - História, arte e magia*, 2003 *Do Universo Teatral à Ribalta do Carnaval*, 2004 *Nas páginas do Brasil Santa Cruz escreveu sua história*, 2005 *Rio - conquistas e glórias de uma cidade de histórias*, 2006 *Liberdade, Igualdade e Fraternidade: Um sonho chamado França*, 2007 *O Tempo que o Tempo tem*, 2008 *Da abertura dos Portos à cidade do porto, Itaguaí - uma história real*, encerrando a década com 2009 *S.O.S. Planeta Terra - Santuário da Vida*.

Iniciando outra década a agremiação em 2010 trouxe *Nos passos do compasso*, nos anos seguintes *Paz e Amor! O sonho não acabou...* em 2011, *Nas ondas do rádio... Acorda Brasil para escutar! O show do Antônio Carlos está no ar!* de 2012, *O Dragão do Mar e a Lenda do Ceará* de 2013, *Do toque do criador à cidade saudável do Brasil - Jundiá, uma referência nacional* de 2014, *O pequeno menino que se tornou Grande Otelo* de 2015, *Diz Mata! Digo Verde. A Natureza veste a incerteza, e o amanhã?* de 2016, *Vou levar somente o que couber no bolso e no coração. Uma viagem de sabedoria além da imaginação...* de 2017, *No Voo Mágico da Esperança, Quem Acredita Sempre Alcança* de 2018 e *Ruth de Souza - Senhora Liberdade, Abre as Asas sobre Nós* de 2019.

Chegando nos anos de 2020 o primeiro enredo é *Santa Cruz de Barbalha - Um conto popular no Cariri Cearense*, em 2021 não ocorreram desfiles devido à pandemia do Covid, em 2022 o enredo foi sobre *Axé Milton Gonçalves! No Catupé da Santa Cruz*, 2023 sobre *Santa é minha cruz. É luz da preservação. Meu canto é flecha certa, para findar o pranto da devastação*, em 2024 *As Bruxas Estão Soltas!* e no ano de 2025 *Os Sagrados Altares Tupiniquins*.

Durante esses 66 anos de escola, a Santa Cruz ganhou 5 vezes a Série Ouro (antigo Grupo de Acesso), em 1966, 1969, 1989, 1996 e 2002, tendo assim acesso à série especial, mas sendo rebaixada logo nos anos seguintes as vitórias. No ano de 2022 a escola foi rebaixada para a série prata, e nessa série teve três vitórias em 1963, 1973 e 1980. Nos três últimos anos, 2023, 2024 e 2025, a escola ficou em 5º lugar, 9º lugar e 5º lugar respectivamente, os resultados não são os que a maioria esperava, mas ainda, sim, não desanimaram os participantes da escola, que prometem um desfile com dedicação total em 2026.

### 2.3. “Santa Cruz é pra quem acredita!”: uma análise dos sambas de enredo.

O primeiro desfile da Acadêmicos de Santa Cruz foi em 1960, nas ruas de Santa Cruz, a escola desfilava com o seu primeiro samba enredo sobre *Nero, o imperador*, que representava a tirania do imperador romano, neste ano ficou em segundo lugar na divisão de Santa Cruz, pois nessa época a Santa Cruz ainda fazia seus desfiles com os blocos da região. As gravações e fotografias da maioria dos desfiles do começo da escola não foram encontradas, possivelmente pela falta de instrumentos na época ou pela perda das mídias com o passar do tempo.

Os anos de 1960 foram anos de agitados para a Acadêmicos de Santa Cruz, na mesma década subiram quatro vezes e conquistaram a avenida com seu canto e seu desfile. Em 1962 foi campeã nos desfiles do bairro e conseguiu ter acesso ao Grupo 3 com o enredo *O Baile da Família Imperial*, o desfile desse ano foi feito para homenagear a família imperial. A grande influência da criação de sambas de enredo envolvendo a família imperial portuguesa se dá devido à história do bairro de Santa Cruz com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, é visível pelas ruas do bairro as obras feitas para acomodar a família, alguns exemplos são o Batalhão Villagran cabrita e o Palacete da Princesa Isabel que hoje é um ecomuseu e espaço de pesquisa que abriga o NOPH. O samba não tinha a intenção de fazer críticas à vinda da família imperial e à invasão portuguesa ao território brasileiro, havia apenas a representação da beleza da parte imperial que se apossou de um espaço que consideraram deles de alguma forma, diferente de alguns sambas dos anos seguintes da agremiação, que com o passar dos anos foi criando enredos que valorizassem as mais diversas culturas e deixasse de lado a exaltação ao governo do império como se fazia nos anos de 1960.

#### ***O Baile da Família Imperial (1962)***

**Carnavalesco: Abílio Correia de Souza**

**Compositores: Abílio Correia de Souza**

*Chegou Academia tradicional  
Apresentando neste carnaval  
O baile da família imperial  
Nos salões nobres enfeitados  
Com muito gosto e distinção  
A Marquesa dançava com o Marquês  
A Baronesa bailava com o Barão*

*Numa apoteose de riquezas  
E de beleza cheia de esplendor*

*Se ouvia a suave melodia  
Lá laia laia laia laia lá lá lá  
Laia laia laia laia lá*

*Enquanto a Marquesa de Santos  
Sorria com sua beleza jovial  
A fidalguia se reunia  
No majestoso palacete imperial  
Numa noite alegre  
Cheia de perfume e de matiz  
A nossa majestade valsava com a Imperatriz*

*Lá lá laia ra lá lá laia  
Lá lá laia laia laia lá lá*

Em 1966, a escola mostrava a crítica a escravidão de pessoas negras e cita a criação dos quilombos, a religião africana que até hoje é representação forte nos sambas enredos da Acadêmicos de Santa Cruz e outras escolas. Entretanto, o samba cria a ilusão de que a escravidão acabou definitivamente após a assinatura da Princesa Isabel na Lei Áurea de 1888, ainda que a Lei Áurea seja de grande importância para a liberdade das pessoas escravizadas é necessário fazer uma análise da situação dos considerados “libertos” após a assinatura, muitos escravos não deixaram de ser escravos, outros ficaram sem empregos durante bastante tempo, a palavra liberdade não se encontrava plenamente correta naquele momento.

Bastide & Fernandes (1959, p. 48) relatam que após a assinatura de lei que libertava os escravos essas pessoas não tinham nenhum tipo de assistência, sendo jogados a própria sorte sem empregos e sem estudo. Além disso, colocar a princesa como principal nessa libertação é excluir a todos que estiveram durante muito tempo lutando para ver uma possível igualdade entre brancos, negros e indígenas na época. Fernandes (1988, *online*) em outro momento volta a comentar sobre essa relação da abolição com a real situação dos negros da época

Para serem livres, eles tiveram de arcar com a opção de se tornarem "vagabundos", "boêmios", "parasitas de suas companheiras", "bêbados", "desordeiros", "ladrões", etc. A estigmatização do negro, associada à condição escrava, ganhou nova densidade negativa. A abolição pela via oficial não abria nenhuma porta — fechava todas elas (1988, *online*).

Os quilombos foram criados na época da escravidão no Brasil, ainda hoje alguns resistem, mas naquele momento do país os quilombos eram espaços de acolhimento dos negros escravizados que conseguiram fugir das senzalas. Citando Munanga (1995, p.63) os quilombos brasileiros se configuram a partir dos quilombos africanos, sendo

espaços criados para se opor a uma estrutura social escravocrata, foi o começo de espaços de resistência abertos para os oprimidos da sociedade, sejam negros, indígenas ou brancos.

***Epopéia de uma Raça (1966)***

**Compositores: Walter Cruz**

**Carnavalesco: Joiceil Vargas**

*Recapitulando a história do Brasil colonial  
A luta pela liberdade é o personagem real  
Mourejando o cabo da enxada lutando com ardor  
No engenho de açúcar, nos canaviais do senhor  
Esses revoltosos ansiando a tranquilidade  
Conquistaram as matas, em busca da sonhada liberdade  
Pelos arraiais a plantação teve expansão  
Fruta, peixes, animais, livre comércio, a transação,  
E na terra dos quilombolas  
A cana dava de deitar no chão  
O negro sorria feliz, ali não pesava a escravidão*

*Ôôôôôôôôôôôôôôôô*

*Ôôôôôôôôôôôôôôôô*

*Na Luanda pelos arraiais ele entoava os seus rituais  
Candomblé e lundu, dança o maracatu.  
O quilombo do Itapicurú, malunguinho, cumbé urubu  
A aldeia real era, em Palmares, a capital  
A nobreza africana se fazia notar  
O mestre Ganga Zona, rei Zambi e Dandara  
Expedições e entradas incessantes  
O jugo português  
A opressão dos bandeirantes  
E, finalmente, a luz da liberdade se fez raiar  
A Princesa Isabel o cativo aboliu  
E pelas ruas da cidade  
Comemorando a liberdade  
Mil baianas a ofertar  
Rosas de Ouro e a cantar  
ôôôôôôôôôôôôôôôô  
Osém, o carrascal se acabou*

No começo dos anos de 1980, em 1983, a escola aposta no enredo *Uma andorinha só não faz verão*, fazendo uma referência direta ao ditado popular, com isso a ideia principal do samba seria enaltecer a cultura e a formação do Brasil. De fato os negros e os indígenas influenciam diretamente na vida do brasileiro até hoje, com a religião, a culinária, a linguagem, as gírias, dentre outras formas de expressões da população, mas é necessário ter em mente que a chegada dos portugueses no país

não foi de forma harmônica, ainda que o samba enredo cante “Desenterre os tacapes e lanças de guerra, os invasores chegaram” logo após existe uma forma de romantizar a chegada dos portugueses, com a estrofe “Como é linda, A história da cultura nacional, onde um bravo navegante, fez seu porto principal, dos amores portugueses”.

Segundo Simas & Mussa (2023, p. 83), o samba tenta criar uma visão de que só os indígenas não criariam o Brasil maravilhoso que conhecemos hoje, que a “combinação” dos indígenas com os portugueses junto com os negros, criaram o país culturalmente rico, mas o enredo ignora as diversas questões da chegada dos portugueses no país, como se tudo fosse uma grande valsa amigável.

A própria história do bairro de Santa Cruz explicita a relação de escravidão que negros e indígenas passaram durante a época do império, mesmo que seja relatado que a relação entre os escravizados e os jesuítas era mais amigável, ainda, sim, existia uma forma de dominação e doutrinação. Os jesuítas foram responsáveis pela catequização dos indígenas, impondo sua religião cristã, acreditando que a religião dos povos indígenas era errada. Conforme o texto de Muller (2022, p.154), as pessoas escravizadas eram consideradas monstruosas, pois não seguiam os hábitos e valores da religião católica e não seguiam a cultura europeia, com isso foi feita uma tentativa de apagar a religião e cultura dos negros e indígenas escravizados.

Contudo, é inevitável estabelecer uma conexão entre o conteúdo do samba e o contexto histórico do Brasil, uma vez que ele foi criado durante a Ditadura Militar (1964 - 1985), em um momento de exaltação do Brasil para acobertar as atrocidades feitas pelos militares. Simas & Mussa (2023, p. 82) reforçam que nesse momento político brasileiro várias escolas de samba seguiam esse pensamento, nas palavras dos autores, “(...) minimizando as tensões entre o opressor e o oprimido, assumindo a tese, muito do gosto do regime militar, de que o Brasil é uma mistura de raças”.

Analisando os sambas enredos da escola, durante os anos de ditadura militar, 1964 à 1985, o sambas enredos foram em sua maioria sobre o Brasil, exaltando o país, característica forte da ditadura. Em 1966 o enredo da escola foi *Epopéia de uma raça* que tocava em pontos sobre a escravidão, mas ainda, sim, não tinha uma visão tão crítica, no ano de 1983 com *Uma andorinha só não faz verão* a escola cria seu primeiro enredo que fala sobre os povos indígenas, contudo ainda desliza no quesito crítica, voltando para a exaltação nacional da miscigenação.

### ***Uma Andorinha só não faz Verão (1983)***

**Compositores: Enoque, Helson, Netinho e Alexandre**

## **Carnavalesco: José Lima Galvão**

*Falo da raça índia brasileira  
Pioneira deste imenso torrão  
Seu grito e seu choro ecoam no ar  
Como pode uma andorinha só veranear*

*Tupã, oh deus Tupã  
Reúna o seu povo no pico da serra  
Desenterre os tacapes e lanças de guerra  
Os invasores chegaram*

*Como é linda  
A história da cultura nacional  
Onde um bravo navegante  
Fez seu porto principal  
Dos amores portugueses  
O caboclo aqui surgiu, aqui o caboclo surgiu  
Enriquecendo o folclore do Brasil*

*Jangadeiros, boiadeiros,  
Garimpeiros do sertão  
Arrancando deste solo  
As riquezas da nação*

*Oh Chico Rei, oh Chico Rei  
Chica da Silva e Zumbi  
São vultos importantes das senzalas  
Junto ao Quilombo dos Palmares  
Bailam as mulatas tão faceiras  
Frutos de uma miscigenação  
Que a fidalguia acolheu  
Em seus luxuosos salões  
(Eu quero é falar...)*

Com uma vitória no ano de 1984, a Santa Cruz desfilou com o enredo *Acima da Coroa de um Rei, só um Deus*, nesse momento o foco foi a religião de matriz africana, diferente do enredo do ano anterior, a escola trazia com potência o nome dos orixás na letra do samba enredo, sem medo de dizer com todas as letras Xangô, Iemanjá, Oxóssi, Exu, e outros orixás. A representação das religiões afro-brasileiras fazem parte da maioria dos desfiles da escola, pela presença de pessoas adeptas a religião na escola de samba e possivelmente devido à forte presença de negros escravizados no território de Santa Cruz, onde é possível notar uma ressignificação da história do bairro, tornando o negro e sua religião protagonista no desfile da escola que fica localizada em um espaço onde muitos foram tratados como mercadoria.

Segundo Galvão (1984, *online*), os carnavalescos da escola na época, a intenção do desfile era representar a fé, independente de qual Deus seja, na explicação

do enredo o autor compara os orixás do candomblé e da umbanda com os santos católicos, encontrando esse ponto em comum e demonstrando a importância de cada um deles, também apresentando como os negros escravizados relacionaram a religião católica com os orixás, para não perderem suas origens e ainda juntar a religião do colonizador que acreditava que apenas sua religião era a correta. O samba foi sucesso na avenida e ajudou a Santa Cruz a alcançar o pódio de primeiro lugar e estar no ano seguinte no grupo 1A, naquela época a série especial.

Tentar separar a religião de matriz africana do carnaval brasileiro é impossível, visto que a festa nasceu com pessoas negras africanas que realizavam suas celebrações em terreiros com seus atabaques, no mesmo lugar do samba havia a religiosidade. A batida dos atabaques de hoje tem referência direta com os escravos que vieram para o país, na Bahia essa religiosidade se tornou ainda mais presente, mas foi na Pequena África no Rio de Janeiro que aconteceu essa mistura da cultura africana com a cultura brasileira que criou o samba e conseqüentemente o samba de enredo, assim as religiões de matriz africana foram ficando cada vez mais presentes nos enredos.

***Acima da Coroa de um Rei, só um Deus (1984)***

**Compositores: Enoque, Netinho, Thiago e Henri**

**Carnavalesco: José Lima Galvão**

*Já é zero hora  
Um novo dia se inicia  
Ô Iaro Exu, axé! Para seus filhos de fé*

*Hoje o meu terreiro é na avenida  
No asfalto vou armar o meu gongá  
Com danças, feitiches e magias  
Que o meu povo contagia  
E lindos cantos aos orixás*

*Auê, auê, auê, no rufar dos atabaques  
Firmar ponto que eu quero ver*

*Segura a pomba, a verde e branco é isso aí  
Quem é de santo, devagar pra não cair  
Que Ogum desceu, ele vem lá de Aruanda  
Ele é senhor da guerra, saravá a sua banda*

*Xangô e Yansã  
Na cangira de umbanda ele é Rei maior  
O seu trono é na pedreira  
Xangô nunca vai aló  
Oxossi não é feiticeiro, é caçador*

*Na mata virgem no veloz ele atirou  
Salve Oxalá, Deus supremo criador  
Com sua luz nosso caminho iluminou*

*Yemanjá, Yemanjá  
No meu jubileu de prata  
Trago oferendas para a rainha do mar*

*Ko si oba kan ofi olorun*

O samba de 1987 reflete o cansaço da luta do trabalhador, falsas promessas de políticos, a retirada de terras dos indígenas e a esperança de melhoras, infelizmente as reivindicações são as mesmas de hoje. As terras indígenas continuam sem demarcação, com inúmeras mortes de lideranças indígenas que estavam reivindicando a terra que sempre foram deles, a política continua sendo um local confuso para o cidadão, pois é cheia de promessas, mas nada muda com o passar dos anos, ficando cada vez pior e o trabalhador continua na luta, na dureza de lidar com um salário que não consegue suprir as necessidades básicas de sua família, mas, que enriquece o patrão.

Alguns temas explorados nesse samba já foram citados anteriormente, como a pauta indígena e negra, mas neste momento um novo tema aparece no enredo, o proletariado, na parte “É o proletariado, Que enche o bolso do patrão”, poucas vezes esse tema se encontra nas letras da Santa Cruz, mas é assunto implícito dos desfiles, pois quem cria o carnaval do começo ao fim são os trabalhadores, desde o começo da história do carnaval. Mesmo sendo um samba dos anos de 1980, ainda reflete a exploração do trabalhador, que no sistema capitalista sustenta a sociedade e com o aumento do neoliberalismo outras formas de exploração são criadas a cada momento, sucateando as relações de trabalho, como diz Silva (2020, p. 26):

O capitalista, pois, incorpora a essencial necessidade do capital que é valorizar-se (criar mais-valia), para isso não mede esforços em explorar os limites máximos daquele trabalhador em sua jornada de trabalho para que lhe lucre mais dinheiro quanto puder.

A autora comenta que o trabalhador vende sua força de trabalho para ter em troca um salário utilizado para prover o mínimo para sua sobrevivência e sua família, sendo exposto a condições do contratante para conseguir a extração de trabalho não pago (Silva, 2020, p.33), após essa afirmação também cita Marx que explicita seu pensamento sobre o capital “o capital é trabalho morto, que, como um vampiro, vive

apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga” (Marx, 2013, p.392 *apud* Silva, 2020, p.33). Portanto, o samba de enredo traz toda uma crítica, colaborando com o trabalhador como um canto de pedido de ajuda e como uma forma de reivindicação talvez de tempos melhores.

Na parte “Pra dá certo tem que ter, uma mulher, francamente não entendo, essa gente que não quer”, pode ser analisada como representação de mulheres em espaços que elas ainda são minoria, um exemplo seria na política, segundo o censo demográfico do IBGE de 2022<sup>16</sup>, as mulheres representam 51,5% da população brasileira, enquanto os homens representam 48,5%, sendo as mulheres maioria por que na política se encontram como minoria? Talíria Petrone (2024), Deputada Federal e Líder da bancada do PSOL na Câmara, reflete em um artigo na revista digital *Brasil de Fato* que é necessário mais mulheres na política criando leis de mulheres para mulheres. Nesta mesma reflexão Petrone comenta sobre a predominância masculina na Câmara dos Vereadores, sendo 423 homens e 90 mulheres, mais de 80% homens, dados alarmantes se formos considerar o censo de 2022. Ao analisar o texto de Petrone podemos perceber a força do patriarcado que oprime as mulheres em locais que acredita que elas não deveriam estar, a vereadora relata que ela e outras vereadoras sofrem frequentemente com ameaças e são diminuídas no local de trabalho, contudo ela ainda incentiva a inserção de mulheres na política para a mudança nesse cenário tão dominado por homens.

Na questão indígena, citada na primeira frase do samba “O índio já não é o dono da terra”, podemos a demarcação de terras indígenas que é motivo de luta até hoje dos indígenas. Baniwa (2007, p. 130), comenta sobre o movimento indígena existente no país, que foi responsável pela inclusão dos direitos dos povos indígenas na Constituição Federal de 1988, além disso, esse movimento reivindica até hoje a demarcação de terras indígenas. Baniwa (2007, p.129) comenta sobre o movimento:

No Brasil, de fato existe desde a década de 1970, o que podemos chamar de movimento indígena brasileiro, ou seja, um esforço conjunto e articulado de lideranças, povos e organizações indígenas em volta de uma agenda comum de luta, como é a agenda pela terra, saúde, educação e outros direitos.

Como podemos observar na citação, essa luta dos povos indígenas por direitos básicos não é de hoje, sendo desde os anos de 1970, Baniwa (2007, p.130) explica que o movimento é a junção dos diversos povos indígenas, superando a visão dos

---

<sup>16</sup> Disponível em: [Quantidade de homens e mulheres | Educa | Jovens - IBGE](#) Acesso em: 3 jun. 2025.

européus que acreditavam que os povos indígenas eram apenas grupos que guerreavam entre si sem um possível diálogo, utilizando desse pensamento para colocar os povos como rivais entre si, o autor também relata que ainda hoje os brancos não acreditam em uma união dos povos indígenas para um movimento nacional unificado, segundo ele:

[...] preferem dar mais importância à ideia de que não há e não pode haver movimento indígena articulado e representativo, devido à diversidade de povos e realidades, pois isso fortalece os seus propósitos de dominação, manipulação e cooptação dos índios em favor de seus interesses políticos e econômicos. (Baniwa, 2007, p.130)

Assim podemos compreender uma das dificuldades que os povos indígenas enfrentam, a fragmentação do movimento causados pelos brancos, devido aos interesses políticos e econômicos, desse modo, visualizando o samba de enredo encontramos assuntos que eram pautas há trinta e oito anos e continuam sendo até os dias atuais. Sendo assim, tudo o que está no samba ainda ecoa na realidade de muitos grupos marginalizados. O trabalhador continua sendo explorado pelo capitalismo; os povos indígenas ainda lutam para que suas reivindicações sejam ouvidas e respeitadas; as mulheres seguem sendo minoria em diversos espaços de poder; e a população negra enfrenta, cotidianamente, o racismo estrutural. Apesar do tempo, essas feridas persistem. O samba, no entanto, termina com um clamor de esperança, de que tudo vai melhorar. Se essa letra fosse apresentada na avenida hoje, muitos ainda se reconheceriam nela.

**Quem espera só se cansa (1987)**

**Compositores: Noé Angelo, Renato Nobre, Almir Antunes, Barbosinha**

**Carnavalesco: Luiz Fernando Reis**

*O índio já não é o dono da terra  
Tá na boca de espera  
De um dia melhorar  
Negro! Tua luta ainda é negra  
Assim como o lavrador  
Que semeia sem lucrar  
Oh Deus! (valei-me Deus)  
Mande chuva pro nordeste  
Ajude o cabra da peste  
Se safar da situação (mas que situação)  
Nesse mundo cão danado  
É o proletariado  
Que enche o bolso do patrão  
Pra da certo tem que ter  
Uma mulher*

*Francamente não entendo  
Essa gente que não quer*

*A mata ja perdeu a virgindade  
A luta ainda é árdua pela paz  
O meu coração quase explodiu  
E a tão sonhada copa  
Foi pra longe do Brasil  
Tá feia a coisa  
Já não sei em quem votar  
Todo mundo prometendo  
Aquilo que não pode dar  
Hoje, amor  
Quem espera só se cansa  
A nova santa cruz tem esperança  
Que vai dar certo  
Tem que melhorar (cadê)  
Cadê o meu, cadê  
Cadê o meu  
Os autores estão querendo  
A grana que o ECAD comeu*

Entrando nos anos 2000, a escola escolheu um samba enredo sobre o bairro de criação, com o samba de 2004 *Nas páginas do Brasil, Santa Cruz escreveu sua história*. Nesse ano a agremiação manifestava na avenida a história do bairro para diversas pessoas como uma forma de exaltar o bairro, pois segundo a autora do enredo, Rosele Nicolau Jorge Coutinho (2004):

Lutando para que não se apague a memória de nossa terra, escrita nas páginas do Brasil, o G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz leva para a avenida um pouco da história do nosso chão, da terra da qual nos orgulhamos e honrosamente chamamos Santa Cruz. (2004, *online*)

O enredo traduz a paixão de alguns santacruzenses, transformando em desfile para divulgar a história do bairro da extrema zona oeste. Comentando sobre alguns pontos do samba, podemos observar que os compositores citam sobre a sede dos Correios, a cruz fincada no centro do bairro pelos jesuítas que deu nome ao bairro e também comenta sobre o coral na parte “Você foi pioneira em orquestra e coral”, pois, no terreno da Fazenda Santa Cruz, foi criada uma escola de música durante o período do Brasil Colônia, os jesuítas criaram esse espaço de orquestra e coral para desenvolver a cultura do local, quem participava dessa cantoria eram os escravos “(...) que tocavam e cantavam nas missas e nos eventos da fazenda, assim como no centro da Capitania.” (Nogueira, 2019, p. 7). Nesse ano a escola foi vice campeã do Grupo A (Série Ouro), mesmo que a vitória não tenha chegado o desfile teve muita importância

para as próprias pessoas que desfilavam, pois eram pessoas do próprio bairro representando o local que moravam com muita paixão.

Enaltecer o próprio bairro em um enredo não é tarefa fácil, mas a escola encarou de queixo erguido, a importância desse enredo não era apenas para ganhar o título daquele ano, mas sim enaltecer o bairro e passar o conhecimento adiante para quem escutar ou ler sobre o samba, que fala sobre um bairro considerado a última estação do trem. Podemos também refletir sobre o pertencimento, ao participar de uma escola de samba o sentimento de pertencimento se torna bem presente, pois é um espaço que exige a cooperação de todos os presentes, e mesmo que a participação de algumas pessoas seja periódica, ainda se faz necessária uma vez que sem a comunidade a escola não se sustenta, o principal motivo do encontro do sentimento de pertencimento em uma escola de samba se faz na questão de se encontrar em um lugar com pessoas com interesses em comum, pertencendo a um espaço que os acolhe. O samba de 2004 amplia esse pertencimento para o bairro, mostrando que são pertencentes àquele local, sendo parte de um pedaço da história do bairro de Santa Cruz na zona oeste do Rio de Janeiro.

**Nas páginas do Brasil, Santa Cruz escreveu sua história (2004)**

**Compositores: Ditao, Marquinho Bombeiro, Doutor, Eli Penteado e Fernando de Lima**

**Carnavalesco: Comissão de Carnaval**

**(Rosele Nicolau, Munir Nicolau e Alan Castilho)**

*Vamos viajar  
E retratar em poesia  
As origens deste chão  
Fascinação, pura magia  
Depois da colonização  
Foi fincado neste solo  
Um símbolo de paz  
Era a Santa Cruz, abençoada, imortal  
Patrimônio cultural  
O clero gerou riqueza  
A ponte Guandu, represa  
Abri a comporta das recordações  
E desaguei as emoções  
Você foi pioneira em orquestra e coral  
As correntes quebrou afinal  
Libertando o Brasil (Brasil)  
Joia que o amor poliu  
Mergulhei meus sonhos em tua baía  
O correio no país nascia  
És a cidade industrial  
Princesa do meu carnaval*

*Pintei de amor meu coração  
Deixei entrar a sedução  
Brindo esta terra que a história traduz  
Santa Cruz*

Atualmente nos anos de 2023, 2024 e 2025, o carnavalesco Cid Carvalho, escolheu fazer uma trilogia sobre religiosidade, demonstrando as diversas religiões que temos no país e as magias ancestrais. O primeiro, *Santa é minha Cruz. É luz da preservação. O meu canto é flecha certa, para findar o pranto da devastação!* de 2023, mostra um grande amadurecimento da escola de samba ao tratar temas tão importantes para a sociedade brasileira, é possível perceber esse amadurecimento na estrofe:

*A ganância navegou  
Dizimando o paraíso, Yanomami chorou  
Na lança, a bravura guerreira  
Hoje vejo a devastação  
Resplandece a consciência  
A Amazônia é o pulmão, é resistência*

Diferente do samba de 1983, que ainda declara uma certa admiração pelos portugueses que invadiram o país no trecho “Onde um bravo navegante, fez seu porto principal, dos amores portugueses”, o samba de 2023 usa as palavras ganância e dizimar como uma forma de reforçar as injustiças sofridas pelos povos indígenas naquele momento e que hoje resistem na luta de reconquistar o que lhes foi tomado.

No ano de 2024 a representação era das magias ancestrais com o enredo *As bruxas estão soltas!*, no trecho a seguir é possível perceber que o samba foca na força da mulher:

*Energias ancestrais  
Se espalham e vibram  
Com o poder que a terra atrai  
Quatro elementos  
Mostram a força da mulher  
Tem as ciganas, sacerdotisas  
As curandeiras, seus rituais  
As trevas medievais*

A intenção desse enredo é a valorização das mulheres com sua sabedoria ancestral, que conheciam os poderes curativos das plantas e foram consideradas bruxas, mas também se posicionam contra o machismo da sociedade, como diz na frase do samba “Não ao machismo, vou decretar”, o posicionamento da escola é interessante

ao colocar essa temática no enredo, enaltecendo as mulheres mas também trazendo uma questão de consciência sobre o machismo tão presente na sociedade que afeta todas as mulheres.

O ano de 2025 foi o final da trilogia pensada pelo carnavalesco com o enredo *Os sagrados altares tupiniquins*. O samba apresenta na avenida a diversidade de religiões presentes no país:

*Eu tenho Maria e Oxalá Jesus  
Eu tenho Zumbi, Pajés e Exus  
Erês e Caboclos, axé da história  
E a Santa Cruz no congá da vitória*

Anteriormente a escola já tinha citado em sambas as religiões de matriz africana, as crenças indígenas e a religião católica, mas nesse momento ela trabalha para juntar todas elas e demonstrar que não importa a religião e sim a bondade como diz no seguinte trecho mais à frente no samba “Não importa a divindade, o que traz a salvação é a bondade”. Contudo, a intolerância religiosa ainda é pauta frequente no país, Daniella Almeida, repórter da Agência Brasil, fez um artigo com base dos dados divulgados pelo Ministério dos direitos humanos e da cidadania, que revela mais de 2 mil casos de intolerância religiosa no ano de 2024, sendo a umbanda e o candomblé os mais afetados.

Para tentar entender esse crime contra as religiões podemos retornar nas escritas sobre o samba de 1983, em que na citação de Muller (2022, p. 154) aponta que as pessoas que não seguiam a religião europeia eram consideradas monstruosas, “[...] colocando o homem branco como uma referência de progresso, ética, beleza, bom gosto, arte e religião [...]” (Muller, 2022, p.159), pois as religiões mais afetadas foram criadas por pessoas negras escravizadas do continente africano, assim, podemos considerar que a intolerância não existe sozinha, ela é fruto do racismo e a agremiação trazer essa temática nesse momento só prova que o tema ainda é recente.

Além desses sambas, existem outros citados na linha do tempo da escola de samba no tópico anterior que não são menos importantes que os escolhidos para estar neste momento de análise, mas a intenção de trazer esses sambas de enredo parte especificamente de uma necessidade de demonstrar para o leitor as diversas formas que a Santa Cruz se apresenta na avenida, onde a cada ano podemos ver uma nova ideia surgir. Com o passar dos anos é possível perceber um amadurecimento de ideias dos enredos, do primeiro samba do capítulo que enaltecia a família imperial portuguesa

em 1962, até o samba mais recente de 2025 que canta uma junção de religiões e reforça que “a intolerância veio pelo mar”, se referindo ao mesmo grupo que antes enaltecia na avenida. Observar essas transformações prova que mesmo não estando no Grupo Especial, a escola ainda traz enredos poderosos que possivelmente conscientiza quem vê e quem desfila na avenida. Além disso, a escolha dos sambas foi feita para apontar temáticas que se entrelaçam com o Serviço Social, na formação e na atuação do Assistente Social, que lida com as várias expressões da questão social, sendo de muita importância interpretar essas expressões e saber como agir diante a elas. Os sambas de enredo podem trazer uma dimensão do que uma população enfrenta e auxiliar na compreensão da cultura de determinado local, aumentando a eficiência nas ações em demandas locais.

### **3. EXISTE CULTURA EM SANTA CRUZ?: REFLEXÕES SOBRE A CENTRALIDADE CULTURAL DA ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ A PARTIR DO CAMPO DE PESQUISA.**

Este capítulo procura demonstrar as informações reunidas durante a elaboração do diário de campo, desde o primeiro dia de visita a quadra até o dia de apuração de desfile, após isso, pontuando o que foi visualizado de uma forma mais explicativa trazendo pontos que talvez não estejam explícitos no diário e por fim demonstrar a relação da escola de samba e os sambas de enredo com os princípios fundamentais do código de ética do Serviço Social.

#### **3.1. “Nossa escola é paixão”: descrição do campo a partir do diário de pesquisa.**

No dia 25 de maio de 2025, fui pela primeira vez na quadra da escola de samba, decidi ir em um dia vazio primeiro para poder tirar fotos e conversar com quem estivesse por lá. A quadra da escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz se localiza na Rua do Império, 573 - Santa Cruz, Rio de Janeiro - RJ. Tive contato com uma mulher que está na escola há dezenove anos, ela me contou sobre a força da escola e de como todos que trabalham na escola são apaixonados pela história da Santa Cruz. Nesse mesmo dia tirei as primeiras fotos do local.



Foto 1 - Placa que mostra o patrono da escola, presidentes e vice-presidentes.  
 Fonte: Foto tirada pela autora em 25 mai. 2024



Foto 2- Concurso de Musa e musa G.R.E.S Acadêmicos de Santa Cruz.  
 Fonte: Foto tirada pela autora em 25 mai. 2024



Foto 3 - Foto da quadra da Acadêmicos de Santa Cruz.  
Fonte: Foto tirada pela autora em 25 de mai. 2024.

No dia 6 de outubro de 2024, foi a semifinal das eliminatórias dos sambas enredos de 2025. A quadra estava cheia, torcidas com bandeiras, desfiles das portas bandeiras e dos passistas, velha-guarda presente desde o começo (a escola tem uma sala para a velha guarda). Muita gente da comunidade ao redor participando da decisão, foram 4 sambas concorrendo no dia 06, a final da escolha dos sambas é dia 19/10 com um evento de samba. Pude perceber muitos tipos de representatividade: negra, trans, idosos, crianças. Com o passar das horas o espaço foi ficando pequeno devido às torcidas.

O apoio da comunidade nesse pré-carnaval é primordial, a quadra ficou cheia em todas as decisões de sambas enredos, nessa não seria diferente. O evento foi ficando cada vez mais movimentado com as pessoas que trabalham diretamente com o carnaval da escola e com as pessoas que moram ao redor da quadra, com bandeiras e com um samba favorito.



Foto 4- Quadra da Acadêmicos de Santa Cruz no dia da semifinal das eliminatórias dos sambas enredos. Fonte: Foto tirada pela autora em 06 out. 2024.



Foto 5- Quadra da Acadêmicos de Santa Cruz no dia da semifinal das eliminatórias dos sambas enredos. Fonte: Foto tirada pela autora em 06 out. 2024.

No dia 19 de outubro de 2024 aconteceu a final das eliminatórias dos sambas enredos de 2025, o evento começou às 18h, mas só terminou por volta das 04 da manhã. Não estive presencialmente, mas acompanhei a transmissão online. Na ocasião, foi contratado um cantor para se apresentar. O espaço ficava cada vez mais cheio, tanto pelo show do cantor, tanto pela decisão de qual vai ser o samba vencedor. Houve apresentação da tabajara da zona oeste, a bateria da escola de samba, apresentando outros sambas da Acadêmicos, e depois apresentando os sambas concorrentes. O enredo da Santa Cruz de 2025 é *Os Sagrados Altares Tupiniquins*. O samba escolhido foi o samba de número 2:

*Eu tenho Maria e Oxalá Jesus  
Eu tenho Zumbi, Pajés e Exus  
Erês e Caboclos, axé da história  
E a Santa Cruz no congá da vitória*

*A intolerância veio pelo mar  
Queriam dizimar memórias de Tupã  
Rezaram a missa em inclemência  
Pra catequizar a essência  
Impor a crença, o seu afã  
Brasil de Coaraci e Jaci  
A natureza, louvava a nação Tupi  
O originário em sua fé  
Acreditava, na sabedoria dos Pajés*

*Águas de Yemanjá  
Trouxeram os negros  
Cultuando seus orixás  
Mandinga de tambores  
De deuses que dançam  
Batuque de rituais*

*Nossa gente pelas ruas em altares  
Resiste em manifestações populares  
Festa do divino  
Caboclinho vem da mata  
Tem maracatus e cavalhada  
O jeito que o povo celebra é assim  
No santuário Tupiniquim*

*Mães do meu país  
Somos todos filhos seus  
E a paz em cada altar  
Não importa a divindade  
O que traz a salvação é a bondade*

No dia 2 de fevereiro de 2025, passei rapidamente na rua do ensaio, mas consegui observar várias coisas, a concentração começa às 17h, mas o desfile demorou a começar. Com o começo do desfile as pessoas que moram perto da Acadêmicos foram enchendo as ruas, todos animados e esperançosos, alguns cantavam o samba enredo da escola em 2025. O desfile acontece na mesma rua que a escola se localiza. Os moradores estão esperançosos com o desfile da escola esse ano. Velha guarda presente, crianças presentes, a tradição sendo passada de geração em geração, as pessoas na rua parando para ver, bastante gente acompanhando o ensaio. Mestre sala e porta-bandeira na rua também. As assistas presentes e a rainha de bateria também.

No dia 9 de fevereiro de 2025, estava presente no ensaio de rua, esperei o ensaio começar sentada em um dos comércios perto do começo do desfile, o ensaio teve um atraso de duas horas. Fiquei surpresa por ainda ter vários bate bolas nas ruas, quase um carnaval fora de época, as pessoas na rua estavam muito animadas. Durante a espera do começo do desfile pude presenciar o diálogo de uma mãe e sua filha, a filha perguntava do porquê de tanta gente na rua e a mãe respondia que uma escola de samba ia passar. A rua foi fechada, a velha guarda sempre presente, A maioria das pessoas que estavam na rua com as blusas da escola de samba ou com roupas verde e branco, com a euforia de mais um carnaval que se aproxima, alguns com um terço na mão e outros com a guia no peito.

Foi o terceiro ensaio de rua da escola, o samba estava mais presente no canto das pessoas que acompanhavam o desfile, a rua cada vez mais cheia, é possível perceber a inclusão da escola de pessoas LGBTQIA+, várias crianças se divertindo e sambando. O desfile na rua movimentava o comércio local, as lojas que vendem comida na rua do ensaio ficam cheias.



Foto 6 - Foto do ensaio de rua.  
Fonte: Foto tirada pela autora em 9 de fev. de 2025.



Foto 7 - Foto do ensaio de rua.  
Fonte: Foto tirada pela autora em 9 de fev. de 2025.



Foto 8 - Foto do ensaio de rua.  
Fonte: Foto tirada pela autora em 9 de fev. de 2025.

O desfile da Acadêmicos de Santa Cruz aconteceu no dia 3 de fevereiro de 2025 na Intendente Magalhães, a escola desfilou na Série Prata da superliga de carnaval, a torcida para escola estava presente na arquibancada, a comunidade se deslocou para apoiar a escola de samba. Não estive presente no dia, mas acompanhei pela internet.

A Acadêmicos fez um desfile lindo cheio de cores com um samba que ficou na mente, a comissão de frente foi uma das mais elogiadas pelas pessoas que acompanharam os desfiles. O samba enredo fala sobre as diversas religiões do Brasil, não consegui não cantar na hora da apresentação, é possível perceber o trabalho de um ano todo na avenida, o carinho e a vontade de desfilar das pessoas que estavam compondo o desfile.

O desfile teve seus problemas como um carro alegórico, um espaço vazio foi criado por esse carro, e com base nas opiniões dos comentadores a Santa Cruz pecou pelo excesso, excesso de coisas na avenida, muitas pessoas. Contudo, ainda acredito que o desfile da Santa Cruz foi potente, o enredo, as alegorias, os carros, as fantasias, o samba enredo, tudo muito bonito, feito com carinho. O samba enredo foi de longe o meu favorito entre as outras escolas de samba da série prata, muito bem feito e bem gravado, o enredo fala principalmente sobre negros e indígenas, mas reforça as múltiplas religiões presentes no país, religiões que se mantêm até hoje vivas, seja nas cidades, no meio rural e nas aldeias. Não posso me alongar nos elogios, pois sou suspeita de falar.



Fonte: S1 Comunicação/CARNAVALESCO. Acesso em: 14 jun 2025.



Fonte: S1 Comunicação/CARNAVALESCO. Acesso em: 14 jun. 2025.

A apuração aconteceu no dia 11 de março de 2025, começou com a série de avaliação às 14:00, depois a série bronze e depois a série prata, mas tiveram atrasos nas apurações, as notas da série prata só começaram a ser divulgadas após as 20h, sendo que estava marcado inicialmente para às 18h.

Chegou o dia da esperança, da fé, o dia de acreditar na escola de coração. Enquanto as escolas de samba do grupo especial já sabiam até quem estava rebaixada, as escolas de samba do grupo prata, bronze e avaliação ainda esperavam o dia da decisão. Muita gente acredita no título da Santa Cruz, a quadra da escola está cheia, as pessoas festejam o possível título da escola que se ganhar vai desfilhar novamente na Sapucaí na série ouro, ficando cada vez mais perto da série especial que não vê há muito tempo.

Após a apuração a escola ficou em quinto lugar entre as 30 escolas da série prata, comparado com o ano de 2024 que ficamos em nono lugar acredito que melhoramos, mas ainda não é o melhor resultado que podemos ter, tenho certeza. A escola ganhadora da série prata foi a Unidos do Jacarezinho, que vai para a série ouro no ano de 2026, merecido, um trabalho de toda uma comunidade foi honrado com esse resultado, sabemos que nada foi fácil nessa trajetória, nada mais justo que parabenizar uma escola que teve um desfile ótimo e que teve o desfile ganhador.

É um pouco frustrante acompanhar durante esse tempo e não ver a escola ganhando o primeiro lugar, mas mesmo com o resultado não sendo o esperado as

peças foram comemorar nas ruas e agradecer o esforço da Acadêmicos, claro que nem tudo são flores, algumas pessoas reclamaram do resultado nas redes sociais. A escola já se prepara para o próximo carnaval, Santa Cruz é para quem acredita!

### **3.2. “Nos braços da Santa Cruz”: principais temas observados em campo.**

Como uma escola de samba da zona oeste, a Acadêmicos de Santa Cruz tem suas questões que precisam ser pontuadas, principalmente após a criação do diário de campo. A primeira questão a ser abordada é a forma que a escola se relaciona com as pessoas da comunidade, a escola celebra os dias comemorativos como o dia das mães, o dia das crianças, natal e oferece cursos voltados para a entrada no mercado de trabalho e capacitação profissional. A escola também realiza eventos com cantores e outras escolas de sambas no Rio de Janeiro para promover a escola e oferecer lazer para os moradores por preços não tão elevados e próximos de casa. Belo (2009, p.20) escreve sobre o carnaval e as escolas de samba de São Paulo, mas as escritas da autora sobre os trabalhos sociais feitos nas escolas de samba também servem para o Rio de Janeiro que na falta de investimentos do Estado a escola de samba trabalha para tentar suprir as necessidades daqueles que precisam, como escreve na seguinte citação:

Multiplicam-se os trabalhos desenvolvidos com a finalidade de atender suas necessidades, preenchendo, de alguma forma, as lacunas deixadas pelo poder público que, mais atento aos interesses hegemônicos e do mercado, desampara a grande massa da população, pois o desenvolvimento da cidade de São Paulo não levou à superação da desigualdade e da pobreza; pelo contrário, as intensificou (Belo, 2009, p.20).

Seguindo para outro ponto visualizado, a escola de samba é um espaço de acesso à cultura no bairro, um espaço de cultura voltado para o carnaval. A agremiação é espaço fundamental na garantia da cultura como um direito, visto que Santa Cruz não é o local que mais tem espaços de cultura do Estado, a escola de samba trabalha nos desfiles a cultura que muitas vezes não chega na casa do trabalhador de forma tão fácil, os enredos trazem a cultura africana, cultura indígena, a cultura brasileira e várias outras formas que a cultura se molda. Com isso, a periferia tem acesso e se encontra pertencente a essa cultura compartilhada na quadra. Marilena Chauí (2021, p. 183) comenta: “Afirmar a cultura como um direito é opor-se à política neoliberal, que abandona a garantia dos direitos, transformando-os em serviços vendidos e comprados

no mercado e, portanto, em privilégios de classe”. O trabalho da escola de samba vai muito além das lindas passistas e da beleza do casal de mestre sala e porta-bandeira, é um local de cultura, é lazer, é espaço político, é espaço de liberdade de expressão e principalmente um lugar de resistência.

Outra questão importante é a venda das fantasias, em comparação com outras escolas de samba maiores. A agremiação passou por um momento complicado na venda de suas fantasias, as roupas das alas com o valor de 400 reais ficaram disponíveis durante mais tempo do que o esperado, as vendas começaram bem antes do carnaval, mas no dia 20 de fevereiro a escola ainda tinha vagas para algumas alas, duas empresas de Santa Cruz estavam “doando” as fantasias em conjunto com a escola para quem quisesse desfilhar. Apenas no dia primeiro de março a escola de samba anunciou que as fantasias das alas estavam esgotadas, lembrando que a escola desfilaria no dia 3.

Esse fenômeno não acontece em escolas maiores, nas escolas do grupo especial as fantasias se esgotam meses antes do carnaval começar. Ser uma escola em uma série mais baixa faz com que as pessoas não tenham tanto interesse em investir seu dinheiro em fantasias para o desfile, mas também o motivo desse possível desinteresse possa ser a condição financeira das pessoas que moram no bairro, que gostam da escola, mas não podem tirar o dinheiro da comida para colocar na fantasia.

A comunidade é parte fundamental de uma escola de samba, o que também se reflete na Acadêmicos de Santa Cruz. Em 1984, José Lima Galvão, o carnavalesco da escola naquele ano disse:

Uma escola de samba é muito mais que uma agremiação recreativa. É como um grande coração que só pulsa através do pulsar de centenas de outros corações. Aí, ela tem vida, tem alma, tem ritmo para despontar na Avenida, majestosa, como um ser vivo único, compacto, arrancando aplausos ou não, mas, acima de tudo, personalíssima, vivendo, naquele momento, uma emoção intensa e intransferível. [...] Colocar um carnaval na rua" é, acima de tudo, um ato de amor. (1984, *online*)

Uma escola de samba trabalha pensando no desfile, mas também não pode ignorar a sua comunidade, se a comunidade não está se interessando por essa escola é sinal que tem algo de errado e a escola pode ser extinta. Em conversas com o presidente do conselho da escola de samba, Júnior, relata que após a eleição da nova gestão que ele está incluído, a comunidade abraçou mais a escola de samba e participa mais das atividades da quadra, sejam relacionadas ao carnaval ou não, por exemplo, durante a apuração dos desfiles da série prata, foi colocado um telão na quadra para

as pessoas acompanharem o resultado, muitas pessoas estiveram presentes nesse dia para apoiar a escola e mesmo após o resultado tiveram comemorações nas ruas. Se torna assim uma troca entre a comunidade e a escola, a comunidade oferece sua força e apoio enquanto a escola retribui com um desfile e atividades na quadra. Os desfiles na rua também auxiliam nessa criação de uma união com a comunidade, dessa forma a escola mostra o que vai apresentar e a população se sente parte do desfile antes do desfile oficial acontecer.

O trabalho da escola de samba não começa um mês antes do carnaval e sim quase um ano antes. As pessoas responsáveis pelos desfiles da escola começam a trabalhar logo quando termina a apuração, o carnavalesco, as assistas, o presidente e o vice-presidente da escola, a porta-bandeira e mestre sala, todos trabalham em um novo desfile e no aprimoramento de suas funções. Na Acadêmicos de Santa Cruz esse trabalho pôde ser visualizado desde antes da criação do diário de campo em outubro, a escola já trabalhava nos protótipos das roupas e no enredo escolhido, o barracão que fabrica as peças de roupa já estava funcionando e os carros alegóricos também estavam em produção.

No diário de campo também são citados mais de uma vez um grupo específico de pessoas que são ponto fundamental para a escola ser quem ela é hoje, a velha guarda, que estava sempre presente nos desfiles da Santa Cruz, essas pessoas são o pilar da escola, aqueles que acreditaram e ainda acreditam na agremiação, como pontua Constâncio (2024, p.177) :

São os guardiões dos pavilhões, que detém os mais diversos conhecimentos e carregam consigo a memória viva de suas agremiações carnavalescas. É através da rememoração deste conhecimento que os ritos e signos do carnaval se mantiveram presentes.

Entretanto, ao mesmo tempo que os mais velhos estejam presentes, os jovens também estão participando do desenvolvimento da escola de samba, desfilando na comissão de frente, sambando nos dias de ensaio nas ruas e colocando as suas opiniões sobre os carnavais da escola, Belo (2009) faz esse mesmo comentário em seu artigo, sobre a junção da velha guarda com os mais novos e assim as duas experiências se alcançam dentro das agremiações:

Boa parte da velha guarda, no entanto, mesmo tomada por um sentimento de nostalgia e com críticas ao que se faz na atualidade, permanece na escola, empenhando-se para seu sucesso. E a cada ano aumenta o número de jovens nas escolas de samba, os quais, por não terem vivenciado o carnaval do

passado, adaptam-se facilmente ao novo modelo. E, mesmo submetidos a uma série de regras, têm o desfile como a grande festa que proporciona momentos de prazer e emoção e que não se reduz ao espetáculo e às transmissões televisivas. Em especial para aqueles que vivenciam o processo ao longo do ano (Belo, 2009, p. 17).

Durante a criação do diário de campo, em conversas informais não ligadas necessariamente com a escola, os moradores faziam comentários sobre Santa Cruz ser “fim de mundo”, “Santa Cruz não tem nada” ou que é “longe de tudo”, o que indica uma visível insatisfação dos próprios moradores do bairro. A autora Rosemere Maia (2021, p.108), comenta sobre a invisibilidade do bairro, não como um super poder, mas sim um distanciamento das questões básicas que são negadas a população. O bairro conta com um distrito industrial muito importante para o Rio de Janeiro, mas ainda assim não tem a visibilidade que se espera, além disso, o descaso das empresas do distrito afetaram os moradores de Santa Cruz e Sepetiba

Segundo Vinhas (2020, p. 101) entre os anos de 1960 e 1980 a falida Companhia Ingá Mercantil, foi a responsável por poluir a baía de Sepetiba, com vazamento de diques que deixaram na água metais pesados tornando a imprópria para banho. Contudo, não se pode deixar de comentar sobre a siderúrgica TKCSA, que aumentou essa poluição afetando também a saúde dos moradores, essa empresa siderúrgica é a junção da empresa alemã Tyssenkrupp com a empresa brasileira Vale do rio doce. As empresas fizeram com que a baía de Sepetiba se tornasse imprópria, conforme Freitas e Alban (2021, p. 124) “O evento de poluição aguda decorreu da saturação atmosférica provocada pela liberação de material particulado, ocasionando a precipitação de um pó prateado sobre a região de Santa Cruz, em agosto de 2010”, a chuva de prata que caiu sobre os bairros afetou a saúde dos moradores e o trabalho dos moradores locais, pois os pescadores perderam seu trabalho. Dito isso, o problema da baía de Sepetiba ainda continua presente, as empresas continuam no bairro de Sepetiba e Santa Cruz, e os moradores continuam invisíveis para as autoridades mesmo sendo um Bairro Imperial.

Os comentários feitos anteriormente pelos moradores de Santa Cruz sobre o bairro são o reflexo de uma falta de investimentos, sejam investimentos em transporte, trabalho, educação, lazer, entre outros. O morador sabe que para ter acesso a determinadas coisas vão ter que se locomover para fora de seu bairro, por exemplo, ir ao cinema. Maia (2021, p.122) pontua de forma certa em seu texto que:

Os moradores de Santa Cruz têm consciência de que sua invisibilidade não é um estado físico, capaz de desafiar leis naturais, mas uma construção social que, a bem da verdade, será melhor apreendida se referida, isto sim, a uma

suposta “deficiência” daqueles que, mesmo podendo, não os querem ver.

Santa Cruz é um bairro que fica longe das principais atrações do Rio de Janeiro, os museus, teatros ou outros lugares que são referência de cultura e lazer são no Centro ou na Zona Norte do Rio. A Acadêmicos de Santa Cruz também sofre com essa distância no dia dos desfiles, se deslocando da zona oeste para a zona norte, muitas vezes esse deslocamento é feito com o aluguel de ônibus para os componentes das alas.

### **3.3. Apontamentos sobre a relação entre o Serviço Social e a escola de samba.**

A escola de samba é um espaço plural que se encontra com diversos temas em seus enredos, dito isso, pode-se dizer que a formação e atuação do Assistente Social se entrelaça com o desfile na avenida. Quando o Assistente Social começa a graduação, em suas matérias existem vários temas de muita importância para a formação profissional, estudando principalmente sobre as expressões da questão social. Como nos diz José Paulo Netto (2001, p. 45):

O desenvolvimento capitalista produz, compulsoriamente, a “questão social” – diferentes estágios capitalistas produzem diferentes manifestações da “questão social”; esta não é uma sequela adjetiva ou transitória do regime do capital: sua existência e suas manifestações são indissociáveis da dinâmica específica do capital tornado potência social dominante. A “questão social” é constitutiva do desenvolvimento do capitalismo. Não se suprime a primeira conservando-se o segundo.

Desse modo, as expressões da questão social podem se apresentar ludicamente através de diversas expressões artísticas e culturais assim como em um desfile de escola de samba. As diversas formas como o capitalismo configura a sociedade é transformada em enredo nas agremiações, no caso específico deste trabalho, em uma escola de samba da extrema zona oeste do Rio de Janeiro que canta sobre pobreza, racismo, intolerância religiosa e vários outros temas.

Podemos observar as expressões da questão social circulando nos sambas enredos analisados no terceiro tópico do segundo capítulo, que são presentes não apenas nos sambas, mas também na vida das pessoas que participam da escola. Ao cantar um samba enredo sobre religião de matriz africana, a escola tenta trazer um debate sobre a intolerância religiosa, ao mesmo tempo que também pode trazer o tema do racismo da sociedade, essas temáticas são ligados principalmente aos participantes

da escola que possivelmente passam por essas situações na sociedade capitalista atual e querem expressar através do samba o que sofrem, mas ainda, sim, com uma batida animada da bateria da escola.

Além da relação dos enredos, com as expressões da questão social, podemos pontuar que as escolas de samba também se conectam com alguns dos princípios fundamentais do Código de Ética do Assistente Social. Os sambas de enredo representam uma forma de reivindicação e podem demonstrar descontentamento da população na avenida, sendo assim, o princípio fundamental de número seis afirma: “Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças.” (CFESS, 2012, p. 23). Os sambas citados anteriormente são exemplos de como a Acadêmicos de Santa Cruz trabalha para expressar no desfile o combate aos preconceitos enraizados na sociedade, por exemplo, o samba de 2025, *Os Sagrados Altares Tupiniquins*, que teve como tema principal celebrar as mais diversas religiões do país, reforçando a necessidade de respeito. Ainda usando como referência o princípio fundamental, a escola de samba é espaço de grupos socialmente discriminados até hoje, seja por religião, seja por cor de pele ou até pelo lugar onde moram, mas a agremiação cria seus enredos para valorizar esses grupos que ainda sofrem com preconceitos e mostrar que existe uma identidade cultural muito forte vinda de dentro da quadra e continua viva.

O princípio fundamental de número cinco do Código de Ética profissional aponta para o “Posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática” (CFESS, 2012, p. 23), desse modo o espaço da agremiação se torna um local que pode fortalecer possibilidades de acesso a bens e serviços, ou a informações de como conseguir acessar direitos e informações sobre políticas sociais, pois no espaço da Santa Cruz acontecem ações sociais que reúnem vários tipos de atividades como atendimento jurídico, exame de vista, vacinação, e também atividades em datas comemorativas, por exemplo, no dia das mães que além de ter um café da manhã, também promovem roda de conversa sobre um assunto relacionado aos direitos das mulheres. A maioria das atividades feitas em dias comemorativos contam com a participação da Secretaria de Assistência Social, da Secretaria Municipal de Saúde, a Ordem dos Advogados do Brasil de Santa Cruz, a Secretaria da Mulher, entre outros órgãos públicos. Nas atividades em quadra voltadas para a população, Assistentes Sociais sempre estão presentes para a orientação

afirmando a dimensão pedagógica da profissão, com isso aqueles que participam conseguem ter acesso a informações sobre diversos serviços oferecidos por órgãos públicos. Essas ações na quadra podem contribuir para a equidade e justiça social como Barroco & Terra (2012) escrevem:

Assim, a defesa da equidade e da justiça social deve estar situada nas ações profissionais, visando, sobretudo, assegurar o acesso aos bens e serviços relativos a programas e políticas sociais, como formas e mecanismos para possibilitar a satisfação das necessidades imediatas dos usuários, buscando outros mecanismos que possam contribuir para a radicalização da equidade e da justiça, na perspectiva da construção de uma sociedade onde os homens *possam produzir bens suficientes para atender suas necessidades segundo suas capacidades e habilidades* (2012, p. 128).

Na quadra de uma escola de samba é possível ter contato com diversas pessoas com várias realidades sociais diferentes, a maioria dos Assistentes Sociais não estão empregados em agremiações, mas em uma escola de samba também é possível aprimorar a atuação profissional construindo um olhar mais profundo sobre a formação e a realidade social brasileira. O princípio fundamental de número dez reforça o “Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional” (CFESS, 2012, p. 24). Estar presente em uma escola de samba, mesmo que esporadicamente, é capaz de traduzir para um profissional um olhar sobre as questões de um território, e ter essa perspectiva é dever do Assistente Social para melhorar a qualidade dos serviços oferecidos à população, conhecer a cultura local e enriquecer o repertório do profissional, pois assim ele consegue compreender como atuar de maneira mais qualificada com as especificações de cada território, Barroco & Terra (2021) reafirmam:

[...] É necessário o constante aperfeiçoamento intelectual do assistente social, o que possibilitará compreender a realidade de forma crítica e as dimensões da questão social, bem como para buscar mecanismos e instrumentos eficazes e éticos, para contribuir com a efetivação do acesso e ampliação de direitos. (2021, p.130)

Os sambas de enredo citados no segundo capítulo são formas de contribuir para que o Assistente Social possa ampliar seu pensamento crítico, como já dito os sambas da Acadêmicos de Santa Cruz trazem diversos temas, ligados em sua maioria com a realidade de quem vive em Santa Cruz. Por exemplo, alguns sambas relatam sobre a história do bairro, como o samba de 2004, *Nas páginas do Brasil, Santa Cruz escreveu sua história*, outros seguem para uma questão mais religiosa que também é presente

no bairro como nos sambas de 1984 *Acima da Coroa de um Rei, só um Deus e Os Sagrados Altares Tupiniquins* de 2025, além disso, existem os sambas que juntam diversas questões e vão para a avenida, questões raciais, desigualdade de gênero, exploração da classe trabalhadora, entre outros, como no samba de 1987 *Quem espera só se cansa*, todos esses sambas foram criados pensando na realidade presente no dia a dia de quem participa da escola, ao escutar e entender as letras o Assistente Social pode ter uma visão mais ampliada do que aflige os moradores, seja com a intolerância religiosa, racismo entre outros, ou como eles se identificam em seu território, podendo expandir o pensamento crítico além do espaço local e identificando questões recorrentes no país nacionalmente.

A criação do carnaval e das escolas de samba foi feita pelas mãos dos excluídos da sociedade, aqueles chamados de “vagabundos”, pois estavam tocando instrumentos e celebrando a vida nas ruas, a maioria dessas pessoas eram negras e pobres, que encontraram no samba uma forma de espantar as tristezas do cotidiano. Até hoje muitos ainda não acreditam que cantar samba ou festejar o carnaval seja algo culto, entretanto essas celebrações e as músicas ainda se encontram bem fortes na cultura demonstrando a resistência da população negra, pobre e periférica do Brasil. Manter viva nossa cultura pode não ser uma atribuição do Assistente Social, mas seguindo seu décimo primeiro princípio fundamental afirma “Exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física.” (CFESS, 2012, p.24), o profissional deve compreender e respeitar o samba e o carnaval como um espaço de expressão cultural, que coloca aqueles que antes eram “vagabundos” como protagonistas de suas histórias e vozes, sem discriminar por cor de pele, classe social ou outra questão. Almeida (2013) esclarece em seu texto que:

A persistência de atitudes e práticas discriminatórias em nossa realidade reproduzem as hierarquias sociais estruturantes das relações de dominação e exploração capitalistas, naturalizando as diferenças, cujas expressões são socialmente construídas, reproduzindo as desigualdades. (Almeida, 2013, p.147)

Dito isso, o Projeto Ético-Político (PEP) do Serviço Social se fundamenta na liberdade, na defesa intransigente dos direitos humanos e na promoção da democracia como valor ético em favor da equidade e da justiça social (Silva, 2010, p. 26). Nesse sentido, reconhecer e trabalhar as diversas expressões culturais de uma escola de

samba também é uma forma concreta de contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária. Isso porque a escola de samba não se resume a um espaço de lazer: ela é, sobretudo, um território de pertencimento para grupos historicamente marginalizados, que enfrentam diariamente as contradições e violências do sistema capitalista. Através do fortalecimento do direito à cultura, promovido por essas agremiações. O impacto da escola de samba ultrapassa os limites da quadra, ela promove consciência crítica e participação social, incentivando seus integrantes a reivindicar uma sociedade mais justa, plural e democrática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo dessa pesquisa, foi possível perceber como a escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz é importante culturalmente para o bairro de Santa Cruz e a zona oeste do Rio de Janeiro, além disso, como o Serviço Social pode ampliar seu olhar profissional sobre a realidade social a partir de uma escola de samba.

Como primeira parte deste trabalho foi necessário trazer um resgate histórico da criação do Carnaval, primordial para entendermos hoje como se forma a festa na rua, mas também foi relevante analisar o lugar que a escola de samba Acadêmicos de Santa Cruz nasceu e foi criada, o bairro de Santa Cruz é peça insubstituível para entender as questões que perpassam a escola de samba. Outra questão fundamental foi a pesquisa sobre o Carnaval em Santa Cruz, o começo de uma história de folia não só no bairro, mas que também pode ter influenciado muito a criação da escola de samba.

Não poderia faltar então a história da G.R.E.S Acadêmicos de Santa Cruz, sendo uma escola de samba da extrema zona oeste do Rio de Janeiro que atualmente desfila pela série prata. Os enredos que a escola de samba expõe na avenida são uma parte do trabalho da agremiação como um espaço que expressa a cultura da população. Com temas diversos, esses enredos não procuram ser apenas divertidos e coloridos, mas uma forma de expressão, de reivindicação, sendo uma das formas de uma escola de samba apresentar através do desfile o posicionamento do povo para o próprio povo ver e ouvir.

Trazer esse tema e relacionar com o Serviço Social não é apenas para mostrar a beleza de uma escola de samba, mas trazer a centralidade do território e da cultura para o olhar e a atuação profissional. Além disso, a discussão sobre cultura e Serviço

Social relacionado com a reflexão a partir de uma escola de samba não se encontra com frequência, com isso o tema contribui para ampliar o debate sobre o acesso à cultura como direito social e reconhece a escola de samba como um espaço legítimo de construção de cidadania e ampliação de olhares sobre territórios e a realidade social brasileira.

Durante este trabalho, foi de muita importância a pesquisa de campo e a criação do diário de campo, pois foi possível vivenciar e dar visibilidade para um espaço que até mesmo os moradores de Santa Cruz não conhecem tão bem. Participar ativamente desse espaço para a transformação em uma pesquisa de TCC só torna mais rico como os dados de campo são compartilhadas na escrita do trabalho. Viver a experiência de ensaios de rua, escolhas de samba enredo, desfile e apuração, demonstra como a força dos participantes da escola sustentam até hoje a agremiação. É possível perceber que momentos bons e ruins perpassam pelo cotidiano da escola e seus participantes, mas ainda, o desfile acontece e a escola permanece de pé.

A falta de informação sobre a história do bairro e da história da Acadêmicos de Santa Cruz não pode ser colocada como culpa dos moradores, visto que o bairro foi ignorado durante muito tempo e continua sendo colocado de lado quando falamos de direitos, sejam direitos a saúde, lazer, transporte, entre outros, assim por vezes, a população de Santa Cruz não consegue valorizar seu próprio território. Contudo, a escola de samba se torna assim um espaço para tornar viva não só a sua própria história, mas também a do bairro. As pessoas que estão dentro da escola trabalham na valorização de Santa Cruz em conjunto com espaços de pesquisa do bairro como, por exemplo, o Núcleo de Orientação e Pesquisa (NOPH), o que auxilia ainda mais na continuação do legado do bairro como um território que tem cultura.

Por fim, a escola de samba vai muito além de sua definição tradicional, se tornando um espaço de cultura e resistência para os moradores do território que está inserida e para aqueles que a quiserem acompanhar. Atuando na tentativa de mudar a realidade do bairro, sendo mais que um espaço de lazer, cultura, identidade coletiva e entretenimento. A agremiação se estabelece como um local de transformação social, incentivando o conhecimento e a criação de novas histórias. Desse modo, a escola desempenha um papel de construção de uma consciência crítica e talvez política, mesmo que não diretamente, através de seus enredos e eventos em quadra, com um trabalho que vai muito além dos dias de Carnaval. Assim, não apenas preserva a cultura popular, mas também forma novas narrativas, fortalece laços comunitários e inspira a luta por direitos, justiça e dignidade para todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acadêmicos de Santa Cruz. Escola de Samba. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Acad%C3%AAmicos\\_de\\_Santa\\_Cruz](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Acad%C3%AAmicos_de_Santa_Cruz). Acesso em: 05 jun. 2025.

Acadêmicos de Santa Cruz empolga com comissão de frente, mas “excesso de alegorias” quase compromete o desfile - Carnavalesco. Disponível em: <https://carnavalesco.com.br/academicos-de-santa-cruz-empolga-com-comissao-de-frente-mas-excesso-de-alegorias-quase-compromete-o-desfile/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

A EMPRESA / Missão | Cehab. Disponível em: <https://www.rj.gov.br/cehab/missao>. Acesso em: 5 jun. 2025.

ALBIN, Ricardo Cravo. **Escolas de samba. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 249-259, 2009.

ALMEIDA, Magali da Silva. O exercício do Serviço Social sem ser discriminado, nem discriminar, por questões de Inserção de Classe Social, Gênero, Etnia, Religião, Nacionalidade, Opção Sexual, Idade, e Condição Física. In: CRESS/RJ (org.), **Projeto Ético Político e exercício Profissional em Serviço Social**. Rio de Janeiro: CRESS/RJ, 2013. p.136-148.

ARANTES, Nélio. **Pequena história do Carnaval no Brasil**. Revista Longeviver, n. 29, 2013. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/view/327/0>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BANIWA, Gersem Luciano. **Movimentos e políticas indígenas no Brasil contemporâneo**. *Tellus*, Campo Grande, MS, ano 7, n. 12, p. 127–146, out. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/tellus.v0i12.136>. Acesso em: 16 maio 2025.

BARROCO, Maria Lucia Silva; TERRA, Sylvia Helena. **Código de ética do/a Assistente Social Comentado**. São Paulo: Cortez, 2012.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. Brancos e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. **Brasiliana**, 1959. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/353>. Acesso em: 14 jun. 2025

BELO, V. Carnaval de escolas de samba: profissionalização e ação social. Ponto Urbe – **Revista de Antropologia Urbana da USP**, v 4., jul. 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1992>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BRASIL. Arquivo Nacional. **Lei Áurea**. Dicionário da Administração Pública Brasileira do Período Imperial. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/15-dicionario/65-dicionario-da-administracao-publica-brasileira-do-periodo-imperial/276-lei-aurea>. Acesso em: 14 jun. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Período da história do Brasil conhecido como os “anos de chumbo”**. Programa Câmara é História, Rádio Câmara. 28 jan. 2007. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/279778-periodo-da-historia-do-brasil-conhecido-como-os-anos-de-chumbo/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BRASIL. Câmara Municipal do Rio de Janeiro . **Agora é lei: Santa Cruz é reconhecido como Bairro Imperial**. Disponível em: <https://www.camara.rio/comunicacao/noticias/1057-agora-e-lei-santa-cruz-e-reconhecido-como-bairro-imperial>. Acesso em: 5 jun. 2025.

Censo 2022: 87% da população brasileira vive em áreas urbanas | Agência de Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41901-censo-2022-87-da-populacao-brasileira-vive-em-areas-urbanas>. Acesso em: 11 dez. 2024.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/editora/livro/cidadania-cultural-o-direito-a-cultura/>. Acesso em: 02 jun. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Código de ética do/a assistente social: Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão**. 10. ed. rev. e atual. [Brasília]: CFESS, 2012. Disponível em: [https://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE.pdf](https://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf). Acesso em: 28 maio 2025.

CONSTÂNCIO, Fernando Nilson. **Os Guardiões Do Meu Pavilhão - A Escola De Samba Enquanto Espaço Ancestral:: Ritos, Signos e Personagens**. Horizontes Históricos, v. 8, n. 1, p. 171 – 184, 2024. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/HORIZONTES/article/view/20780>. Acesso em: 2 jun. 2025.

COUTINHO, Rosele Nicolou Jorge. Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 2004 - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/2004/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **A campanha das Diretas Já: narrativas e memórias**. São Leopoldo, XXIV Simposio Nacional de Historia. 2007.

DINIZ, André. **Almanaque do carnaval**. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2008.

Estácio de Sá, Acadêmicos de Santa Cruz, Império Serrano: as escolas de samba com mais títulos da Série Ouro do carnaval do Rio. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2025/noticia/2025/03/06/estacio-de-sa-academicos-de-santa-cruz-imperio-serrano-as-escolas-de-samba-com-mais-titulos-da-serie-ouro-do-carnaval-do-rio.ghtml>. Acesso em: 10 maio. 2025.

FAUSTINI, Marcus Vinicius. Carnaval, bexiga, funk e sombrinha. YouTube, 2005. Disponível em: <https://youtu.be/RLmJwblZNzc>. Acesso em: 14 jun. 2025.

FERNANDES, Florestan. Luta de raças e de classes. **Teoria e debate**, v. 2, 1988. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1988/03/09/luta-de-racas-e-de-classes/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

FREITAS, Janaina Helena de; ALBAN, Regina de Paiva. Uma análise sociojurídica dos impactos causados pela instalação da empresa TKCSA em Santa Cruz – RJ. **Encontro de História e Patrimônio da Fazenda de Santa Cruz**, 1, 2021, Rio de Janeiro. Anais do I Encontro de História e Patrimônio da Fazenda de Santa Cruz, Rio de Janeiro: 2023, p 123 - 137.

Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnavais - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/carnavais/>. Acesso em: 22 maio. 2025.

Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 1966 - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/1966/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 1983 - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/1983/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 1987 - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/1987/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 2023 - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/2023/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 2024 - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/2024/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 2025 - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/2025/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GALVÃO, José Lima. Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro - Carnaval de 1984 - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-de-santa-cruz/1984/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

G.R.E.S. ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ. Nossa História, 2024. Disponível em: <https://gresacadsantacruz.com.br/nossa-historia/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

IBGE - Educa | Jovens. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 12 mai. 2025.

Ibrahim Sued . Disponível em: <<http://portal.metodista.br/mutirao-do-brasileirismo/cartografia/verbetes/america-do-sul/ibrahim-sued>>. Acesso em: 16 maio. 2025.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN. **Dossiê Matrizes do Samba do Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo**. DF: Departamento de Patrimônio Imaterial / Iphan. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial/reconhecimento-de-bens-culturais/livros-de-registro/formas-de-expressao/matrizes-do-samba-no-rio-de-janeiro/dossie-1> Acesso em: 17 out. 2024.

Intolerância religiosa: Disque 100 registra 2,4 mil casos em 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-01/intolerancia-religiosa-disque-100-registra-24-mil-casos-em-2024>>. Acesso em: 14 maio. 2025.

MAIA, Rosemere. Ensaio sobre a invisibilidade. In: ROSEMERE MAIA; VERÔNICA CRUZ. (Org.). **Saberes Plurais- produção acadêmica em sociedade, cultura e Serviço Social**. 1 ed. RIO DE JANEIRO: UFRJ, 2021, v. VI, p. 105-124. Disponível em: [editora.ufrj.br/wp-content/uploads/livros/pdf/CCNC-saberes.plurais.pdf](http://editora.ufrj.br/wp-content/uploads/livros/pdf/CCNC-saberes.plurais.pdf). Acesso em: 1 de jun. 2025.

MANSUR, André Luis; ROSA, Guaraci. **Santa Cruz nos caminhos da independência**, 1ª ed., Rio de Janeiro, 2022.

MARINGONI, Gilberto. **História - O destino dos negros após a Abolição**. Ed. 70. São Paulo, 2011. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2673%3Acatid%3D28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28). Acesso em: 03 jun. 2025.

MULLER, Daniela Valle da Rocha. Apontamentos sobre escravidão e racismo no Brasil. **Laborare**, v. 5, n. 9, p. 151-169, 2022. Disponível em: <https://revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/141>. Acesso em: 01 jun. 2025.

MultiRio — A administração do prefeito Pereira Passos: o "bota-abaixo". Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/2911-administracao-pereira-passos-o-bota-abaixo>. Acesso em: 3 jun. 2025.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, n. 28, p. 56-63, 1996.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. **Samba de enredo: história e arte**. Civilização Brasileira, 2023.

NETTO, José Paulo. Cinco notas a propósito da “questão social”. **Temporalis**, Brasília, ano 2, n. 3, p. 41-50, jan./jun. 2001.

Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz. Disponível em:

<https://visite.museus.gov.br/instituicoes/nucleo-de-orientacao-e-pesquisa-historica-de-santa-cruz/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

NOGUEIRA, Elizabeth Sá Barreto Lopes. **A história de santa cruz, rio de janeiro, contada pelo seu patrimônio arquitetônico e cultural**. 6º Seminário Internacional de Museografia e Arquitetura de Museus, pesquisa e patrimônio. Rio de Janeiro, 2019.

O FLUMINENSE, Ed. Nº38, Rio de Janeiro. 10 de Fev. 1978. Documento consultado no núcleo de pesquisa histórica de Santa Cruz. Acesso em: 03 jul. 2024.

Onde estão as mulheres na política? É preciso enfrentar a colonialidade e o patriarcado para a política também ser feminina. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/07/19/onde-estao-as-mulheres-na-politica-e-preciso-enfrentar-a-colonialidade-e-o-patriarcado-para-a-politica-tambem-ser-feminina/>. Acesso em: 12 mai. 2025.

Outros Carnavais - Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: [Outros Carnavais – G.R.E.S. ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ](#). Acesso em: 21 maio. 2025.

PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. **Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Samba Enredo 1962 - O Baile da Família Imperial. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gres-academicos-de-santa-cruz/1801829/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SILVA, Bruna Karla Santos da. **Os fundamentos da exploração do proletariado na contemporaneidade**. TCC (Graduação de Serviço Social) - Unidade Educacional Palmeira dos Índios, Universidade Federal de Alagoas. Palmeira dos Índios, 2020.

SILVA, Kelly Samara do Nascimento. **Projeto ético político do Serviço Social: tensões e dilemas de um projeto em execução**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

SOARES, José Eduardo Almeida. De fazenda imperial a subúrbio esquecido: o bairro de Santa Cruz como espaço de história e memória. **Encontro de História e Patrimônio da Fazenda de Santa Cruz**, 1, 2021, Rio de Janeiro. Anais do I Encontro de História e Patrimônio da Fazenda de Santa Cruz, Rio de Janeiro: 2023, p 105 - 122.

SOUZA, Celio Pinto de. **O Carnaval e as Fantasias de “Clovis” : Cultura Simbólica**, Caxias do Sul, 2003. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/104-o-carnaval-e-as-fantasias.pdf>. Acesso em: 01 jun 2025.

SOUZA, Sinvaldo do Nascimento. Bloco da Crítica, 1992. Documento consultado no núcleo de pesquisa histórica de Santa Cruz. Acesso em: 03 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Exposição Santa Cruz Carnavalesca, Núcleo de orientação e pesquisa

histórica de Santa Cruz (NOPH), 1992. Documento consultado no núcleo de pesquisa histórica de Santa Cruz. Acesso em: 03 jul. 2024.

\_\_\_\_\_. Carnaval Santa Cruzense, Boletim Núcleo de orientação e pesquisa histórica de Santa Cruz (NOPH), Nº 26, p.6,1986. Documento consultado no núcleo de pesquisa histórica de Santa Cruz. Acesso em: 03 jul. 2024.

Trajétoria – G.R.E.S. Acadêmicos de Santa Cruz. Disponível em: <https://academicosdesantacruz.com.br/trajetoria-2/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

### **Tiroteio em Santa Cruz termina com morte de principal rival do miliciano Zinho.**

Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/11/04/tiroteio-milicianos.ghml>>. Acesso em: 3 jul. 2025.

VIANA, Sônia Bayão Rodrigues. A Fazenda de Santa Cruz e a crise do sistema colonial (1790-1815). **Revista de História**, São Paulo: USP, n. 99, p. 61- 96, 1974.

Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/132579/128673>. Acesso em: 01 de junho de 2025.

VINHAS, Antonio Lopes Ferreira. A degradação da baía de Sepetiba (RJ) pela relação perigosa do capital com a natureza. **Mares: Revista de Geografia e Etnociências**, v. 2, n. 2, p. 99 - 110, 2020. Disponível em:

<https://revistamares.com.br/index.php/files/article/view/91>. Acesso em: 01 jun. 2025.